

CADERNO DE RESUMOS

SUMÁRIO – CLIQUE NO TÍTULO PARA ACESSAR A MESA

| | |
|--|----|
| Mesa Coordenada 02. Feminismos nas margens e a Teoria da Reprodução Social | 3 |
| Mesa Coordenada 03. Empresariamento da educação de novo tipo: sob nova direção? | 5 |
| Mesa Coordenada 04. O movimento trotskista no século XX: história, teoria e prática..... | 7 |
| Mesa Coordenada 05. Inteligibilidade da história e status do marxismo no debate de Edward Thompson e Leszek Kolakowski..... | 9 |
| Mesa Coordenada 06. Formação de professores em tempos de avanço do obscurantismo político e das ideologias pós-modernas..... | 10 |
| Mesa Coordenada 07. Um continente cheio de livros e revoluções: Brasil, América Latina e as edições de esquerdas | 12 |
| Mesa Coordenada 08. Crise, Estado, Pachukanis e golpe: uma análise marxista para pensar a saúde pública no Brasil | 14 |
| Mesa Coordenada 09. Marx e a sociedade contemporânea: releituras e questões..... | 16 |
| Mesa Coordenada 10. Questão agrária e campesinato na Idade Média | 18 |
| Mesa Coordenada 11. Marxismo e Relações Internacionais: inserção teórica crítica em um campo conservador..... | 19 |
| Mesa Coordenada 13. Educação e financeirização no Brasil contemporâneo..... | 21 |
| Mesa Coordenada 14. Os desafios da transição ao socialismo: análises críticas da experiência soviética | 22 |
| Mesa Coordenada 16. Projeto do capital para a educação e a perspectiva emancipatória: os antagonismos e as resistências | 24 |
| Mesa Coordenada 17. Lutas sociais, realidade brasileira e os desafios contemporâneos para a construção da escola pública e democrática | 26 |
| Mesa Coordenada 18. Classe, gênero, raça e sexualidade: perspectivas revolucionárias desde a IV Internacional | 28 |
| Mesa Coordenada 19. Desvendando Bolsonaro: neofascismo e ação política/ideológica internacional . | 29 |
| Mesa Coordenada 20. Educação e classes sociais: contribuições ao debate que a conjuntura impõe .. | 30 |
| Mesa Coordenada 22. Estado e direito: a crise do capital e a luta de classes em Marx | 31 |
| Mesa Coordenada 23. Gênero e marxismo..... | 33 |
| Mesa Coordenada 24. História, memória, historiografia: desafios contemporâneos..... | 35 |
| Mesa Coordenada 26. O conflito social e a violência no pré-capitalismo | 36 |
| Mesa Coordenada 27. Reprodução capitalista e Estado capitalista: racismo, patriarcado e dependência como totalidade concreta..... | 38 |
| Mesa Coordenada 28. Raça, gênero e classe no pré-capitalismo | 40 |
| Mesa Coordenada 29. Debates sobre pré-capitalismo | 41 |
| Mesa Coordenada 30. Feminismo e marxismo: teorias e desafios no capitalismo contemporâneo | 42 |

| | |
|---|-----------|
| Mesa Coordenada 31. Mulheres em luta: organização e liderança política feminina em movimentos sociais | 44 |
| Mesa Coordenada 32. Capitalismo, reprodução social e superexploração feminina | 46 |
| Mesa Coordenada 33. Raça e classe: desafios teóricos e apontamentos sobre a realidade brasileira .. | 47 |
| Mesa Coordenada 35. Migrações e opressões | 49 |
| Mesa Coordenada 36. Direito e marxismo: facetas jurídicas do capital no mundo contemporâneo | 50 |
| Mesa Coordenada 37. Estado, capital e trabalho no contexto da (contra)reforma trabalhista | 52 |
| Mesa Coordenada 38. Apropriações e disputas pelo espaço urbano | 54 |
| Mesa Coordenada 39. Cultura material, imaginário e os desafios da esquerda | 56 |
| Mesa Coordenada 40. Cultura e marxismo: reflexões teóricas, arte e indústria cultural..... | 57 |
| Mesa Coordenada 41. Trabalhadores e o fazer da cultura..... | 59 |
| Mesa Coordenada 42. Revolução e reorganização da vida social | 61 |
| Mesa Coordenada 43. Dominação burguesa e movimentos sociais no mundo contemporâneo..... | 62 |
| Mesa Coordenada 44. Estado e regimes políticos: teoria e história..... | 63 |
| Mesa Coordenada 45. Fascismo, cesarismo e democracia no debate marxista do século XX | 64 |
| Mesa Coordenada 46. Mulheres, violência e cidadania | 65 |
| Mesa Coordenada 47. A nova direita: propostas e estratégias | 66 |
| Mesa Coordenada 48. Crise e capital financeiro: impactos sociais e políticos | 68 |
| Mesa Coordenada 49. Dimensões do capital e o desafio revolucionário..... | 70 |
| Mesa Coordenada 50. Teoria da dependência e superexploração do trabalho no mundo contemporâneo | 71 |
| Mesa Coordenada 51. Luta de classes e a questão racial no Brasil..... | 72 |
| Mesa Coordenada 52. Juventude, luta de classes e os desafios da educação contemporânea | 74 |
| Mesa Coordenada 53. Classe social: reflexões teóricas e estudos de caso | 75 |
| Mesa Coordenada 54. Marx e Gramsci: contribuições pedagógicas..... | 76 |
| Mesa Coordenada 55. Pensando as crises: política econômica e projetos sociais..... | 78 |
| Mesa Coordenada 56. Precarização do trabalho no mundo contemporâneo | 79 |
| Mesa Coordenada 57. Estado, partidos e transformações sociais no mundo moderno | 80 |

Mesa Coordenada 02. Feminismos nas margens e a Teoria da Reprodução Social

Coordenador: Danielle Jardim da Silva

Contribuições contemporâneas da Teoria da Reprodução Social: totalidade social e o debate sobre as opressões
Rhaysa Sampaio Ruas da Fonseca (Programa de Pós-Graduação em Direito/UERJ)

Resumo

O presente artigo visa apresentar o que considera as principais contribuições da Teoria feminista-marxista da Reprodução Social (TRS) em sua forma contemporânea para o debate sobre as múltiplas relações de opressão no capitalismo. Por TRS contemporânea, compreendo as recentes contribuições do campo de diálogo liderado por Tithi Bhattacharya, e pelas autoras que subscrevem o manifesto internacionalista Feminismo para os 99%, publicado no Brasil em março de 2019. Este conforma hoje, um dos setores mais pulsantes e críticos do movimento feminista-marxista mundial. Para isso, faremos uma breve reconstrução do surgimento da TRS enquanto uma teoria unitária, sistematizada pela primeira vez por Lise Vogel em 1983, e, através de uma exegese da noção de totalidade social tal qual desenvolvida por Karl Marx nos Grundrisse, destaco as principais contribuições da TRS em sua forma contemporânea. Esta última, visa resgatar explicitamente a noção marxiana de totalidade social para o estudo das relações de opressão, exploração e alienação no capitalismo. Acredito que, assim como ensina a TRS, compreender o sentido marxiano de totalidade pode nos oferecer uma importante chave para o estudo das opressões nas sociedades capitalistas.

Uma leitura da obra de Lélia González através das lentes da teoria da reprodução social

Bárbara Araújo Machado (Programa de Pós-Graduação em História Social/UFF)

Resumo

A teoria da reprodução social têm se mostrado uma abordagem extremamente profícua para compreender o capitalismo como totalidade sem deixar de lado seu aspecto contraditório. A partir dessa teoria, que amplia a concepção de trabalho ao abranger produção e reprodução social, as relações sociais são analisadas como co-constituintes. Partimos do princípio, em termos de método, de que a construção de conhecimento via dialética não significa o abandono das formulações antigas, mas o confronto de suas teses com novas perspectivas críticas para a formulação de uma síntese. É nesse sentido que nos propomos a voltar o olhar para a obra de Lélia Gonzalez, intelectual negra pioneira na defesa de se analisar raça, gênero e classe social de modo articulado. Sua análise da sociedade brasileira traz questões relevantes para o debate da intelectualidade marxista e feminista no Brasil preocupada em desenvolver uma análise que dê conta das relações de produção e reprodução social em nossa realidade, marcada pela experiência histórica da escravidão e de relações patriarcais que moldaram uma contemporaneidade capitalista profundamente racista e sexista. O objetivo deste artigo é, então, analisar a obra de Lélia Gonzalez a partir da lente do marxismo e do feminismo da reprodução social, buscando discutir elementos presentes em sua abordagem da realidade brasileira que enriqueçam a construção de um entendimento do modo de produção capitalista no Brasil como uma totalidade contraditória.

A Teoria da Reprodução Social como instrumento para a análise da experiência soviética e dos desafios do feminismo para o presente

Danielle Jardim da Silva (Programa de Pós-Graduação em História Social/UFF)

Resumo

A Revolução Russa foi uma experiência impressionante no que tange às políticas gestadas e implementadas para as mulheres. O governo soviético garantiu direitos legais, políticas de socialização do trabalho doméstico e a inserção das mulheres no trabalho, educação, política, cultura, etc. Entretanto, essa experiência histórica apresentou limites em suas formulações e aplicação, bem como sofreu retrocessos importantes, sobretudo sob o governo de Stalin. Este artigo tem como objetivo abordar os limites teóricos e históricos das políticas soviéticas para as mulheres utilizando para isso o recurso à teoria da reprodução social, abordagem e campo de estudos que vem crescendo nos últimos anos, para pensar desafios políticos e teóricos do feminismo do presente.

Para isso, abordaremos brevemente as políticas soviéticas para as mulheres e a família presentes na Revolução Russa e nos governos soviéticos dos anos 1920-1930, buscando apontar avanços e limites das mesmas; apresentaremos algumas concepções presentes no pensamento de Alexandra Kollontai (e compartilhados por muitas lideranças socialistas do período), tanto em seus aspectos positivos quanto negativos; bem retomaremos um balanço sobre as políticas do período stalinista voltadas as mulheres e à família. Dessa forma, buscaremos refletir sobre as conformações das esferas de produção e reprodução, bem como sobre a divisão sexual do trabalho no regime soviético.

Conectando o balanço dessa experiência histórica com o presente, busco alertar sobre a necessidade de as perspectivas feministas marxistas refletirem sobre a conformação das relações entre produção e reprodução sociais, tanto no capitalismo quanto na construção da superação deste em um futuro emancipador.

Trabalho doméstico feminino: perspectivas e debates

Camila Fernandes Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em História Social/UFF)

Resumo

Este trabalho visa discutir as contribuições de distintas teóricas feministas para as reflexões acerca do trabalho doméstico feminino. No bojo dos movimentos feministas dos anos 1970, foi introduzida uma mudança significativa no conceito de trabalho, questionando-o e ampliando seus limites ao incluir o trabalho doméstico e a esfera da reprodução nas suas análises. Em relação ao trabalho reprodutivo, apresentaremos a contribuição das feministas marxistas aos debates sobre o valor desta modalidade de trabalho, bem como das feministas materialistas na ressignificação do conceito de divisão sexual do trabalho. A partir de então, as pesquisas sobre trabalho doméstico, remunerado e não remunerado, passaram a abarcar uma pluralidade de abordagens, como: as análises de uso do tempo dispensado nas atividades produtivas e reprodutivas; as relações de poder pautadas no trabalho doméstico; a teoria da reprodução social; a economia feminista e os estudos de gênero que utilizam a noção de care. Os estudos sobre o care ganharam projeção nos últimos anos e representaram uma disputa neste campo, principalmente pela invisibilização do trabalho. Pretendemos analisar os debates teóricos travados pelas feministas marxistas, valorizando a perspectiva da teoria da reprodução social, e as possibilidades de leitura da realidade social a partir deste aporte.

Mesa Coordenada 03. Empresariamento da educação de novo tipo: sob nova direção?

Coordenador: Bruno Gawryszewski

Conteúdo e forma do empresariamento da educação no tempo presente: da capitalização à subsunção ao empresariado

Vânia Cardoso da Motta (UFRJ)

Maria Carolina Pires de Andrade (UFRJ)

Resumo

O presente trabalho versa sobre o empresariamento da educação de novo tipo, em vista do progressivo protagonismo assumido por frações empresariais na educação brasileira nos últimos trinta anos. Tal protagonismo robustece a trincheira de poder junto ao Estado ampliado por meio dos aparelhos privados de hegemonia e opera a supremacia burguesa no âmbito da educação. Definimos duas dimensões desse processo que consideramos centrais: a capitalização da/na educação (cujos aspectos principais são a mercantilização e a mercadorização) e a subsunção da educação ao empresariado. Apontamos implicações para a educação brasileira em vista do aumento da precarização e da expropriação do processo formativo, condições necessárias para garantir as condições adequadas à reprodução ampliada do capital.

As 'reformas' atuais e a educação para a produtividade do trabalho

Maria Carolina Pires de Andrade (UFRJ)

Bruno Gawryszewski (UFRJ)

Resumo

O artigo aborda as 'reformas' Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio (NEM). O trabalho visa compreender a simultaneidade das reformas educacionais com tantas outras em curso. À luz do método materialista histórico e dialético de investigação, analisamos (I) o conteúdo das 'reformas'; (II) o discurso propalado às massas com vistas à legitimação de ambas (BNCC e NEM); (III) a conjuntura econômica, política e social de sua alavancagem; (IV) as recentes propostas de organismos internacionais como OCDE e Banco Mundial, para solucionar a crise. Trata-se de uma análise teórica que busca dialogar o texto legal das 'reformas' e dos relatórios de organismos internacionais com a Teoria do Valor-Trabalho de Marx, mediado por referenciais que tratam das particularidades do capitalismo dependente, como Florestan Fernandes. Concluímos que (I) o conteúdo das propostas educacionais contradiz o discurso que as legitima, e apresenta ainda ressonância nas diretivas dos organismos internacionais; (II) essas reformas atendem às necessidades candentes das frações da burguesia brasileira, que vem operando reformas na estrutura e na superestrutura do bloco histórico com vistas à manutenção de sua supremacia.

Arranjos de desenvolvimento da educação: expressão do empresariamento de novo tipo

Vânia Cardoso da Motta (UFRJ)

Juliana Argollo (UFRJ)

Resumo

Este artigo analisa as implicações dos arranjos de desenvolvimento da educação (ADE), agenda do Todos Pela Educação, para a educação brasileira. Apresenta sua concepção e relação com os arranjos produtivos locais, como essa ideia foi disputada no âmbito do MEC no período 2009-2015 e traz dois exemplos de ADE situados em Santa Catarina: Amfri e Granópolis. Partimos da conceptualização de empresariamento da educação de novo tipo, em meio à forte concentração capital-imperialista, que se realiza com a subsunção da educação ao empresariado e impulsiona a capitalização da educação nas dimensões de mercantilização e de mercadorização da e na educação. Concluímos que trata-se de uma tendência que atravessará as políticas públicas de educação independentemente de governos e que a subsunção da educação ao empresariado, marcada pela perspectiva de que as empresas devem definir os processos formativos e os cursos de formação profissional ofertados nas redes públicas conforme cadeia produtiva local, tende a aprofundar o caráter antidemocrático da educação brasileira.

A relação público-privado no contexto escolar do município do Rio de Janeiro

Amanda de Oliveira Pereira (UFRRI)

Paulo Henrique Oliveira de Mesquita (UFRJ)

Cláudia Lino Piccinini (UFRJ)

Resumo

A partir da década de 90 uma das discussões que começam a permear o campo das políticas educacionais no Brasil foi a maior participação do setor privado na educação, quando é disseminada amplamente a ideia de “empresa-cidadã”, voltada à concepção de “responsabilidade social”, onde se transferem funções e responsabilidades do Estado para a comunidade. Alterações na legislação do período permitiram um cenário favorável para que empresas entrassem nos espaços escolares, com políticas que diziam contribuir para uma educação de “qualidade”, através de parcerias público-privadas. Neste trabalho, consideramos imprescindível a discussão sobre quais são os interesses que empresas que investem nessas parcerias têm em relação a educação pública. Para responder a essa questão, partimos da análise documental para mapear os programas e projetos da Fundação Itaú Social, compreender seus objetivos educacionais e indicar as instituições parceiras. Selecionamos dentre os vários programas aquele que diz se articular com a educação integral, em parceria com escolas públicas, o Prêmio Itaú-Unicef. Discutimos como a Fundação consegue introduzir-se na esfera educacional, mapeando o seu campo de atuação, levantando os diferentes tipos de estratégias educacionais. Concluímos que há defesa da descentralização da atuação do Estado na gestão escolar pública (gestão em rede), reconceitualização do que se entende como gestão escolar, desvalorização docente, incoerência entre o que se chama de prioridade para os programas e o que é de fato alcançado pelo Prêmio Itaú-Unicef.

Mesa Coordenada 04. O movimento trotskista no século XX: história, teoria e prática

Coordenador: Henrique de Bem Lignani

A inserção internacional cubana

Wallas G. de Matos (UFF)

Resumo

Cuba, uma pequena ilha do Caribe posteriormente à Revolução se vê obrigada a se fortalecer na sua inserção internacional para manter as conquistas e preservar o socialismo. Deste modo, crise após crise o modelo é reformado e as relações exteriores se tornam o foco do governo no intuito de conservar e ampliar os ganhos materiais e os valores da Revolução através da inserção internacional. Contudo, principalmente depois da queda da União Soviética cada reforma coloca em xeque a sobrevivência do modelo apesar de ser a condição necessária para através da relação com o entorno capitalista buscar conserva-lo. Portanto, inserir internacionalmente sem se contaminar pela sociabilidade burguesa é o maior desafio da Ilha.

O trotskismo brasileiro e a construção do partido revolucionário: as experiências do POL e do PSR (1937-1945)

Henrique de Bem Lignani (UFF)

Resumo

O presente texto analisa a trajetória de duas organizações trotskistas no Brasil, desenvolvidas entre 1937 e 1945: o Partido Operário Leninista e o Partido Socialista Revolucionário. Considerando a continuidade existente entre os dois partidos em questão, busco analisar a forma de organização defendida pelos trotskistas em diferentes momentos, bem como a concepção de partido que sustentava a sua atuação política. Assim, partindo do conceito leninista de partido, analiso documentos internos às organizações (como circulares e atas de reuniões), investigando fundamentalmente de que forma ambos os partidos pretenderam desenvolver as relações entre a vanguarda revolucionária e o movimento de massas. Além disso, identifico as transformações observadas nessa relação ao longo da atuação dos trotskistas brasileiros, relacionando tais mudanças ao contexto histórico vivido. O objetivo do trabalho consiste, portanto, em analisar como tal corrente política buscou se organizar frente ao problema da crise de direção revolucionária.

Táticas de reagrupamento na imprensa do Partido Operário Leninista (1938-1939)

Icaro Rossignoli (UFRJ)

Resumo

O Partido Operário Leninista (POL) foi criado em janeiro de 1937, sucedendo a Liga Comunista Internacionalista no movimento trotskista brasileiro, depois que esta fora desarticulada pela repressão após o mal sucedido putsch comunista de 1935. Seus militantes, em difíceis condições políticas sob o regime de Getúlio Vargas, buscavam dar continuidade ao movimento internacional liderado por Leon Trotsky. Em seus anos de atividade (1937-1939) o POL desenvolveu uma polêmica orientação em relação ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e buscou reagrupar a vanguarda revolucionária, conforme afirmou desde suas primeiras publicações. Este trabalho, através da bibliografia disponível, pretende explicitar de que forma o POL utilizou sua imprensa – os jornais A Luta de Classe, Sob Nova Bandeira e o Boletim de Informações Internacionais – para atrair indivíduos e agrupamentos para sua política, especialmente aqueles oriundos das fileiras do PCB. Assim, junto com esse objetivo, pretende também avaliar o papel que cumpriu essas publicações na aproximação, em 1939, com os dissidentes do PCB de São Paulo – a Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária – liderados por Hermínio Sachetta. Esta aproximação marcou a dissolução do POL e a formação de uma nova organização, o Partido Socialista Revolucionário (PSR), considerada pela bibliografia especializada como o início de uma nova geração do movimento trotskista no Brasil.

O marxismo de Trotsky e os seus aportes à teoria da revolução: a tradição de outubro, o século XXI e os movimentos de combate as opressões

Fábio José Cavalcanti de Queiroz (URCA)

Nivânia Menezes Amâncio (UFC)

Resumo

Neste artigo, a pretensão que nos move é a de analisar as conexões entre os aportes teóricos de Trotsky sobre o que é uma revolução, tendo como referências as alusões à revolução de outubro, os nexos com as revoluções do século XXI, considerando, por fim, o lugar das lutas contra as opressões nos processos de enfrentamento social e na perspectiva revolucionária no âmbito da contemporaneidade

Mesa Coordenada 05. Inteligibilidade da história e status do marxismo no debate de Edward Thompson e Leszek Kolakowski

Coordenador: Antonio Oliva

Analizando los ejes del debate Thompson-Kolakowski en perspectiva

Antonio Oliva (Universidad Nacional de Rosario)

Resumo

El artículo realiza un recorrido por los principales problemas intelectuales que el historiador británico Edward Palmer Thompson y el filósofo polaco Leszek Kolakowski debatieron en el Nº 10 y 11 de la revista de la Nueva Izquierda británica Socialist Register a finales de 1973 y comienzos de 1974. El artículo se detiene en el debate de los dos intelectuales desmenuzando sus principales aporías.

Desencanto revolucionário, ininteligibilidade da história e apostasia de esquerda: E. P. Thompson sobre L. Kolakowski

Mario Duayer (Faculdade de Economia/UFF)

Resumo

Este artigo analisa o texto de E. P. Thompson, "An Open Letter do Leszek Kolakowski", discutindo, a partir dele, a tradição marxista das últimas décadas.

Socialist Register: um importante periódico da esquerda socialista britânica

George Araujo (UFSC; UDESC)

Resumo

O periódico Socialist Register é uma das mais longevas e importantes revistas políticas ligadas à esquerda socialista britânica. Embora alguns poucos artigos iluminem alguns momentos importantes de sua história, persiste a falta de estudos específicos sobre a trajetória da publicação. Assim, o objetivo deste trabalho é abordar o surgimento e a trajetória da Socialist Register, além de pontuar algumas das principais polêmicas tiveram lugar em suas páginas.

Mesa Coordenada 06. Formação de professores em tempos de avanço do obscurantismo político e das ideologias pós-modernas

Coordenador: Adriana Penna

Formação de professores na linha de fogo de “um ajuste justo”. Governo Temer e o estímulo ao empreendedorismo. Professor: seja um ‘protagonista’; seja um ‘food truck’ da educação...!

Adriana Penna (UFF)

Roberto Alves Simões (Colégio Estadual João Alfredo)

Resumo

O presente trabalho analisa o significado político-ideológico da atual “Política Nacional de Formação de Professores” inaugurada no governo Temer, apontando seus impactos e desdobramentos tanto na formação acadêmica do docente quanto na sua futura ação político-pedagógica na escola. Partimos do princípio de que a escola é uma instituição cada vez mais necessária ao projeto do capital, sobretudo em sua fase imperialista. Neste contexto, à escola cabe a tarefa de formar um ‘novo’ perfil de trabalhador, apto a naturalizar e se adequar às condições de precarização tal como se impõem, vale dizer, um trabalhador “resiliente”, um trabalhador “protagonista”. Esta naturalização tende ao oferecimento de saídas cada vez mais individualizadas e, portanto, de conciliação entre capital e trabalho, adequando a formação de professores à ideologia pós-moderna. Instala-se aí, a nosso ver, a reforma imposta à formação docente materializada na “Política Nacional de Formação de Professores” a qual avança nos dias atuais seguindo as orientações do empresariado nacional e internacional e sua lógica ultraliberal.

“Estudem muito para dominarem a técnica que permite dominar a natureza” . A formação do pedagogo no Brasil sob as “orientações” dos organismos multilaterais

Jéssica Pereira (UFV)

Resumo

O presente trabalho se constitui a partir do projeto de mestrado da autora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa – MG. Sob o título acima, procura-se compreender o que está por traz da política de formação deste trabalhador instituída pela Resolução CNE/CP n.1, 15 de maio de 2006. Considerando o papel dos Organismos Multilaterais (OM) na formulação de políticas educacionais no período de reestruturação produtiva do capital procuramos responder ao seguinte questionamento: como o modelo de pedagogo normatizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia tem sido funcional às necessidades de expansão capitalista? Procura-se apreender a conjuntura que produziu a necessidade histórica de reforma da formação do pedagogo expressa nas diretrizes publicadas em 2006. Trata-se de uma pesquisa documental onde serão estudados publicações de OM e da política nacional brasileira, tendo por base metodológica-teórica de análise o materialismo histórico e dialético.

O adoecimento docente como resultado da precarização do trabalho: uma relação intrínseca aos interesses capitalistas

Thalles Azevedo (UFF)

Resumo

O presente trabalho é baseado em uma dissertação de mestrado ainda em andamento, desenvolvida pelo autor, no Programa de Pós-Graduação em Ensino pela UFF (UFF). Através do trabalho em questão, eu busco trazer reflexões acerca das condições objetivas que levam ao adoecimento docente em função de uma série de determinações envolvidas no processo de precarização do trabalho do professor. Nesse sentido, além de me debruçar sobre alguns adoecimentos mais recorrentes que vem acometendo a categoria docente no Brasil, eu busco discorrer também sobre os desdobramentos do adoecimento, que desencadeiam no uso indiscriminado de psicofármacos. Essa discussão visa apresentar uma perspectiva crítica e marxista sobre a questão da superexploração do trabalho docente, a fim de trazer a compreensão de que essa realidade é construída socialmente, escamoteada por uma

culpabilização do próprio professor e/ou dos alunos. Esse trabalho trata-se de uma pesquisa documental cuja base metodológica-teórica baseia-se no materialismo histórico e dialético.

Mesa Coordenada 07. Um continente cheio de livros e revoluções: Brasil, América Latina e as edições de esquerdas

Coordenador: Felipe Castilho de Lacerda

Divulgar e Organizar: a dupla função da edição entre os anarquistas de Buenos Aires (1890-1905)

Eduardo Augusto Souza Cunha (PPGHE/USP)

Resumo

O presente trabalho pretende abordar como os anarquistas de Buenos Aires, entre 1890 e 1905, utilizaram a edição tanto como um meio de difundir ideias como um instrumento organizativo. Abordaremos, inicialmente, a relação entre o universo de impressos publicados por esses militantes com a ascensão da sua corrente como a força hegemônica do movimento operário do período. Em seguida, trataremos da constituição do jornal La Protesta Humana, que se tornou o principal meio de comunicação do anarquismo argentino. Como veremos, o jornal foi mais do que isso: através da mobilização de diversos grupos, o La Protesta Humana conseguiu aglutinar e reunir os militantes em torno de si.

Caminhos editoriais e políticos: a tradução de O Capital no Brasil

Fabiana Marchetti (PPGHE/USP)

Resumo

A compreensão histórica da difusão das ideias de Marx e Engels no Brasil passa pela identificação dos caminhos percorridos por suas obras, materialmente realizadas em material impresso, jornais e livros. Esse movimento está intrinsecamente ligado à tradição operária brasileira e às suas organizações, corroborando para a construção da história intelectual do país, pois em diferentes conjunturas, o marxismo se apresenta como uma teoria para a compreensão e transformação da sociedade em geral.

O Capital chegou até nós como parte de diferentes períodos de articulação do comunismo em nível mundial e das instituições forjadas especificamente para a circulação das obras de Marx e Engels. Esse contexto contou com a postura ativa de grupos, militantes, editores, tradutores e livreiros nacionais que souberam enfrentar as particularidades de nossa realidade política, de nosso mercado editorial e do público que deveria receber esses textos. Sendo assim, este artigo pretende resgatar características da recepção de O Capital no Brasil, através de suas traduções, passando pelas diversas edições resumidas até chegarmos às suas versões completas na segunda metade do século XX.

Che Guevara em Paris: François Maspero e as edições "terceiro-mundistas" no contexto de "1968"

Felipe Castilho de Lacerda (PPGHE/USP)

Resumo

O presente artigo busca narrar o processo de formação do catálogo editorial de François Maspero com foco na edição de textos políticos e/ou de ciências humanas provindos do assim chamado "Terceiro Mundo". Por meio da trajetória do editor, objetiva-se analisar os processos de mediação cultural na conformação temática "terceiro-mundista" no seio da esquerda europeia sob o contexto de "1968". Por meio da história do Livro, da Edição e da Leitura, especialmente orientada pelas discussões teórico-metodológicas de Jean-Yves Mollier, trabalha-se, no artigo em tela, com o catálogo de livros publicados por Maspero dentro da temática do "Terceiro Mundo" e com entrevistas e paratexto editorial inscrito nas publicações da editora. Por meio do estudo da difusão do Diário em Bolívia de Che Guevara, enseja-se discutir o espaço ocupado pela temática latino-americana no catálogo da casa editorial parisiense.

A recepção e os debates em torno do socialismo e do comunismo em São Paulo no século XIX

Vivian Nani Ayres (PPGHE/USP)

Resumo

Há um certo consenso na historiografia sobre o desenvolvimento tardio do marxismo no Brasil, no entanto, o socialismo e mesmo Marx não eram figuras completamente desconhecidas no país no século XIX. Desde a década de 1840, pelo menos, o socialismo já atraía a pena de alguns políticos e intelectuais brasileiros, fosse para descrevê-las como um perigo, uma curiosidade, ou até como uma proposta de sociedade a ser cogitada. A Comuna de Paris ecoou fortemente nas grandes cidades brasileiras, mas dessa vez, de forma predominantemente negativa, e foi exatamente nesse momento que Marx começou a aparecer nos periódicos paulistas. Contudo, nem todas as aparições tinham esse caráter, indicando que havia possibilidades de expansão desse ideário. Nesse sentido, sem desconsiderar o importante papel da precariedade das estruturas produtivas dos impressos na difusão das ideias de Marx, o presente artigo procura discutir o empenho de setores da elite na desmoralização e no combate a elas, através das notícias presentes nos periódicos paulistas e nos debates da Faculdade de Direito de São Paulo durante o Oitocentos.

Mesa Coordenada 08. Crise, Estado, Pachukanis e golpe: uma análise marxista para pensar a saúde pública no Brasil

Coordenador: Aquilas Mendes

A economia política da crise capitalista e a saúde pública brasileira

Áquilas Mendes (Faculdade de Saúde Pública/USP; PUC-SP)

Resumo

O artigo tem como objetivo discutir os aspectos que evidenciam a crise da saúde pública brasileira, por meio de seu insuficiente financiamento, no contexto da crise do capitalismo contemporâneo, concebendo a relação orgânica entre o Estado e o Capital. O artigo está estruturado em três partes. A primeira trata da crise capitalista contemporânea, apresentando as duas principais tendências explicativas, com destaque a tendência da queda da taxa de lucro e a centralidade do capital fictício nas relações econômicas e sociais. A segunda parte discute o papel do Estado, à medida que é parte integrante das relações capitalistas de produção, sendo derivado da dinâmica do capital, ressaltando a particularidade do Estado capitalista na América Latina, permitindo a reflexão sobre o Estado no Brasil. A terceira parte analisa a trajetória do subfinanciamento do SUS como resultado das características do capitalismo contemporâneo e sua crise, transformando-se em um processo de desfinanciamento.

Direito, acumulação e luta de classes

Vinicius Silva (UERJ)

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apontar, brevemente, possíveis implicações do debate sobre a relação entre a acumulação de capital e expropriação para a crítica marxista do Direito. Para tanto, retomarei criticamente a abordagem de Rosa Luxemburgo, mas também de David Harvey, para afirmar a acumulação capitalista como a unidade dialética entre exploração e expropriação. A partir de tal resgate, apresentarei a hipótese de que a categoria sujeito de direito não é tão somente uma equivalência abstrata, mas também a afirmação, necessária, de desigualdades concretas, materiais. Desta forma, a categoria sujeito de direito pode ser entendida como um processo de igualação desigual, onde a equivalência abstrata dos indivíduos, enquanto sublimação de suas diferenças concretas, é, ao mesmo tempo, afirmação de suas assimetrias e desigualdades. Concluo, a título de apontamento, que esta dinâmica dialética própria do sujeito de direito abre o direito ao conflito, às disputas, ou seja, à luta de classes.

Pachukanis e a contradição da forma jurídica

Hugo Tavares (PUC-SP)

Resumo

Este trabalho analisa a aproximação existente entre a forma jurídica e a forma mercadoria. Com base nos estudos do jurista soviético Evguiéni Pachukanis, buscamos reconstruir o processo desenvolvido pelo autor de dedução lógica das categorias jurídicas a partir das categorias da economia política descritas por Marx. Entendemos que a dedução histórica do Estado e do Direito são fundamentais para que se entenda o caráter de classes neles contido, mas a dedução lógica nos permite analisar as formas de manifestação concreta das relações jurídicas na sociedade capitalista.

Estado, golpe e regime político e saúde: uma análise pachukaniano-salamiano

Leonardo Carnut (UNIFESP)

Resumo

Este artigo defende a tese de que o regime político é central na conformação do Estado para reacomodar o novo padrão de acumulação, e em percurso histórico, de blindar gradualmente a democracia oferecendo cenários de regimes de legitimidade restrita. Quando estes se estabelecem, em determinadas situações conjunturais, pode levar

a um golpe. Assim, demonstra-se que o golpe de Estado de abril de 2016 significa o auge da blindagem da democracia aos interesses das classes populares. Comparando esta análise com a percepção do setor saúde sobre a conjuntura, identificam-se divergências paradigmáticas e que, a Saúde Coletiva, mesmo sob o golpe, continua apostando na institucionalidade da política contribuindo pouco para compreender os cenários que estão por vir.

Mesa Coordenada 09. Marx e a sociedade contemporânea: releituras e questões

Coordenador: Henrique Pereira Braga

Valor como forma de mediação social: interpretação de Marx a partir de Postone

Mário Duayer (UFF)

Paulo Henrique Furtado de Araujo (UFF)

Resumo

O artigo trata da interpretação proposta por Postone da teoria crítica do valor de Marx. O cerne da exposição consiste na apresentação do valor enquanto forma de mediação social específica da sociabilidade do capital, uma forma de mediação indireta. O que implica na existência de um tipo específico de trabalho que é a substância do valor – trabalho abstrato. Além disso, evidencia-se que essa sociabilidade indireta produz formas de dominação também específicas – dominação abstrata. Sem esquecer que valor também é forma específica de riqueza da sociedade capitalista – riqueza abstrata – e forma automeiadora e modeladora da objetividade e subjetividade do mundo dos seres humanos.

O trabalho como mediação social e sua centralidade sob o capital

Maria Fernanda Escurra (UERJ)

Resumo

O artigo aborda a constituição específica que o trabalho assume sob o capital e sua crítica enquanto atividade mediadora característica desta forma de organização social, sob o ponto de vista da possibilidade histórica de outras formas de mediação sociais. Trata-se da crítica do trabalho no capitalismo, crítica negativa que considera tanto do modo de produção como de distribuição, exigindo a superação do valor e das relações sociais abstratas, a superação do trabalho que cria valor.

Mudanças climáticas e a tarefa do campo crítico: pelo abandono do voluntarismo geológico

Eduardo Sá Barreto (UFF)

Resumo

O artigo se lança à difícil tarefa de realizar uma dura crítica interna. Diante do conhecimento disponível sobre as mudanças climáticas, o campo marxista tem se demonstrado profundamente reticente em soar o alarme do risco existencial. Essa paralisia traduz-se na reprodução de uma práxis pulverizada, enrijecida, pouco ambiciosa e que se satisfaz com sucessos parciais e pequenos avanços. Argumento ao longo do texto que mesmo essa concepção modesta de “sucesso parcial” ou “pequenos avanços” é insustentável no quadro geral dos desafios climáticos diante da humanidade. Para construir o raciocínio, estabeleço quatro pontos de diálogo com os posicionamentos dos marxistas (especialmente os ecossocialistas). Na primeira seção, discute-se o postulado de que as lutas populares possuem uma vocação espontaneamente emancipatória e ecológica. A segunda seção é dedicada à crítica da noção de que o acúmulo sistemático de pequenos avanços e reformas pode eventualmente converter-se em transformações profundas. A terceira seção se volta à ideia (a de mais ampla circulação) de que os pequenos avanços e reformas nos ganham tempo até que possamos reunir as condições para as transformações realmente desejadas e necessárias. Por fim, a quarta seção aborda o perigo do efeito desmobilizador diante do reconhecimento explícito da natureza incontrolável das transformações climáticas já em curso e que afetarão dramaticamente nossa geração.

Pensando a riqueza e a pobreza na sociedade capitalista a partir de Marx

Henrique Pereira Braga (UFES)

Resumo

O presente ensaio procura contribuir para o debate sobre o tema da riqueza e da pobreza na sociedade capitalista. Para tanto, propõe um resgate da crítica da economia política elaborada por Marx em três de seus encontros com

os economistas políticos, tendo os conceitos de riqueza e pobreza como chave analítica, de maneira a demonstrar que, para o Mouro, a produção de riqueza capitalista engendra pobreza humana.

Mesa Coordenada 10. Questão agrária e campesinato na Idade Média

Coordenador: Eduardo Cardoso Daflon

Configuração do campesinato na Gallaecia Alto Medieval (450-750)

Eduardo Cardoso Daflon (PPGH-UFF; NIEP-Marx-Prék; Translatio Studii; CNPq; CAPES; Casa de Velázquez)

Resumo

O presente trabalho consiste de um resultado parcial de minha pesquisa de doutorado no qual busco traçar uma análise do desenvolvimento histórico do campesinato na Alta Idade Média Ibérica. Para tanto, dividi a península em uma série de regiões com base em critérios históricos e metodológicos, sendo aquela que me dedicarei agora chamada Gallaecia. Essa província teria uma certa correspondência territorial com a atual comunidade autônoma da Galícia e para esse estudo veremos como o campesinato evolui entre o fim do Império Romano e a conquista muçulmana. Para tanto me baseei no momento especialmente em fontes de natureza arqueológica, estabelecendo um quadro de desenvolvimento histórico a fim de na sequência poder cotejar essas informações com aqueles que testemunham os textos escritos.

Colonizar Sevilha: modelos de ordenação territorial, projeto monárquico e possibilidades concretas de colonização (1248-1264)

Paula de Souza Valle Justen (Translatio Studii; PPGH-UFF)

Resumo

A conquista de Sevilha em 1248, celebrada como último grande feito de Fernando III, representou também grandes desafios para a monarquia castelhana-leonesa ao longo do século XIII. Em especial, a tarefa colonizadora impulsionada pela monarquia, a fim de consolidar o seu domínio nos novos territórios. Após a conquista, coube a Alfonso X a pauta da repartição das novas terras entre os futuros povoadores em 1253, que resultou no conjunto documental presente no Repartimiento de Sevilla, documento-testemunha da profunda transformação na titularidade de terras sevilhanas sob o novo domínio cristão-feudal. No entanto, o problema de se fixar colonizadores na nova fronteira persistiu durante todo o reinado alfonsino. Avaliaremos em especial os efeitos da revolta mudéjar de 1264 nas políticas de fronteira, em especial os demográficos, na política de fronteira de Alfonso X em Sevilha através da documentação presente do Diplomatario Andaluz de Alfonso X.

Forças produtivas e sistemas de produção na Europa camponesa medieval

Mário Jorge da Motta Bastos (NIEP-Marx-Prék; Translatio Studii ; USP; CNPq)

Resumo

Minha proposição nesta apresentação consistirá de uma tentativa de abordagem dos sistemas produtivos que estruturam algumas das relações sociais fundamentais à constituição e reprodução das sociedades humanas, em especial aquelas travadas pela nossa espécie entre si no processo de apropriação e transformação da natureza – a incidência humana na constituição de um meio ambiente humanizado – abordando-o sob o ponto de vista das permanências e transformações que caracterizaram, neste nível, a civilização medieval. Uma vez definido o viés específico primeiro da minha exposição, começarei por estabelecer alguns dos conceitos básicos ao seu desenvolvimento – em especial o de forças produtivas, relações de produção e modo de produção –, avançando, em seguida, ao tratamento do conceito de sistemas agrários para, por fim, traçar seus principais elementos característicos no contexto da agricultura altomedieval.

Mesa Coordenada 11. Marxismo e Relações Internacionais: inserção teórica crítica em um campo conservador

Coordenador: Caio Martins Bugiato

Marx e Engels: política internacional e luta de classes

Caio Bugiato (UFRRI)

Resumo

Esse texto é uma abordagem das ideias de Marx e Engels sobre política internacional e nacional. Os fundadores do socialismo moderno tendem a tratar essa duas dimensões de modo articulado, mas tal articulação se mostra insuficiente em suas reflexões. Sendo assim, nossa proposição teórica consiste sofisticar tal articulação, de modo a amparar análises contemporâneas sobre as relações internacionais inspiradas no marxismo. Para tal, incorremos em uma pesquisa teórica sobre a visão de Marx e Engels acerca da política internacional em geral, oriunda da dinâmica do sistema de Estados europeu na década de 1850, publicada uma série de artigos em jornais da época. Esta visão à luz das ideias do Manifesto do partido comunista forma um arcabouço teórico para analisar política internacional.

Breves anotações sobre imperialismo, Estado e Relações Internacionais

Luiz Felipe Osório (UFRRI)

Resumo

O texto orienta-se por um mapeamento inicial das perspectivas teóricas sobre imperialismo, a partir das teorias marxistas do Estado e das relações internacionais. Nesse enlace teórico, o périplo entre as mais variadas concepções marxistas sobre imperialismo passa por três debates, pautados na historicidade do capitalismo por crises estruturais e grandes guerras entre as potências, dada pela teoria materialista do Estado. Por conseguinte, o artigo estrutura-se pelo entrelaçamento de duas balizas de sistematização do pensamento sobre imperialismo, que não são mandatoriamente correspondentes: a) a cronológica que abarca a periodização histórica em três fases, desde sua gênese no final do século XIX (1870 a 1945), passando por suas transformações (1945 a 1970), até sua forma hodierna no século XXI (1970 até os dias atuais); e b) a teórica que ordena as diversas perspectivas sobre imperialismo pela ênfase que o conceito confere aos aspectos econômicos (lei do valor, seus movimentos e suas manifestações), aos políticos (luta e correlação de classes e de grupos) e à inter-relação destes dentro do espectro marxista. Munido desses critérios, o trabalho objetiva estimular discussões e servir de fermento para reflexões vindouras sobre o horizonte ainda pouco explorado do marxismo nas relações internacionais.

O canal mais oculto do imperialismo: breve genealogia da categoria da troca desigual a partir das formulações pioneiras sobre o tema

Leonardo M. Leite (UFF)

Resumo

Analisamos como o pensamento marxista nos anos 1960 e 1970 colocou em primeiro plano a categoria da troca desigual nos estudos sobre o imperialismo. Para isso, após uma breve genealogia do conceito, apresentamos as contribuições de Arghiri Emmanuel e Ernest Mandel, buscando identificar limites e potencialidades dessas abordagens. Um dos resultados encontrados é que a controvérsia entre ambos reside, em parte, em uma falsa dicotomia entre realidade e o conceito sobre essa realidade, derivada da fraca utilização da ideia de tendência. Ademais, mostramos como a teoria marxista da dependência absorve a categoria da troca desigual e formulamos uma síntese, apontando que a troca desigual, enquanto aspecto do imperialismo, deve ser entendida como troca desigual de valores.

Repensando o Estado e o imperialismo nas Relações Internacionais: as contribuições teóricas de Leo Panitch

Ana Garcia (UFRRI)

Resumo

Este texto aborda a obra de Leo Panitch e suas contribuições para as Relações Internacionais. Pensar Panitch como um teórico das Relações Internacionais significa discutir profundamente o papel e as funções do Estado (e suas agências) na sua relação com os atores do mercado (bancos, empresas), bem como repensar as atuais configurações do imperialismo, sua natureza e mecanismos de dominação, que são distintos daqueles do século XIX. Para compreendê-lo é necessário considerar os processos de internacionalização do Estado, da produção e das finanças, assim como a integração da Europa, do Japão e, posteriormente, da China, ao império informal americano. As bases de Panitch (e Gindin) estão na teoria do Estado capitalista de Nicos Poulantzas. Assim, da sua obra procuramos explicar a teoria do Estado capitalista e sua internacionalização, a construção do império informal americano e suas contribuições para a atual reflexão sobre a ascensão de potências emergentes, como os BRICS, em especial a China.

Mesa Coordenada 13. Educação e financeirização no Brasil contemporâneo

Coordenador: Julia Bustamante

Por uma maiêutica da “Escola sem Mordança” para combater a “Cabeça da Hidra” denominada “Escola sem Partido”
José Alex Soares Santos (UECE)

Resumo

O Brasil, no plano político, tem experimentado uma crise que se acentuou com a polarização na sua versão direita versus esquerda com requintes e temperos do ódio de classe. Estes embates têm alcançado fortemente o campo da educação com sinais de redefinição para a política educacional. Com base nesse pressuposto, o presente estudo procura entender o sentido conceitual e político da “Frente Escola sem Mordança”, em contraposição a organização “Escola sem Partido” (ESP). Dois polos opostos na disputa que está no centro do debate das políticas educacionais no Brasil. Para estabelecer uma compreensão do fenômeno em tela, fez-se um estudo bibliográfico o que permitiu situar historicamente tanto a ESP, quanto a Frente, suas pretensões e ações, bem como por meio da análise documental foi possível estabelecer algumas comparações entre o conteúdo dos projetos de lei n. 375/19, n. 476/19 e n. 502/19, apresentados na Câmara Federal, os quais representam os interesses político-ideológicos e a concepção de educação que cada um defende. Por fim apresentam-se argumentos sobre a tese de que é tempo de a escola tomar partido.

Palavras-chave: Educação e Docência. Política de Currículos. “Escola sem Mordança”. “Escola sem Partido”.

Capitalismo dependente e universidade: crítica à decadência ideológica no ensino superior na América Latina

Ana Carla Werneque Ribas (UFSC)

Mirella Farias Rocha (UFRI)

Resumo

Este artigo propõe-se analisar a partir de um estudo teórico bibliográfico a configuração ídeo- teórica e cultural das sociedades latino americanas, com ênfase na problematização do papel da Universidade na reprodução do paradigma cultural e sua particularidade no capitalismo dependente. O objetivo da pesquisa é por meio da análise da configuração ídeo- teórica e cultural das sociedades latino-americanas, estudar o papel da Universidade na disposição das estruturas sociais e culturais na América Latina, tendo em vista analisar a decadência ideológica e suas expressões particulares no continente. O referencial-teórico- metodológico deriva, essencialmente, da perspectiva dialética-materialista, em uma dimensão, alinhada com o pensamento crítico das ciências sociais latino-americanas.

Financeirização e política educacional: descaminhos no contexto neoliberal

Julia Bustamante (UFRJ)

Vinicius Carneiro (UFRJ)

Resumo

A crise dos anos 1960/1970 tem como uma de suas consequências a emergência do neoliberalismo. Entendido enquanto projeto de restauração da supremacia burguesa, o neoliberalismo se expressou concretamente de modo distinto nas distintas formações econômicas, revelando seu lado mais perverso nas economias dependentes. A consolidação desta nova etapa do capitalismo tem como marca fundamental a emergência da chamada financeirização. Este processo não é apenas econômico, mas se estende por todos os ramos da sociedade impactando diretamente a reprodução da vida dos trabalhadores. O presente trabalho dá destaque ao papel desenvolvido pela financeirização dentro do Ensino Superior Brasileiro, impulsionada através do Fies, criado em 2001. A partir da perspectiva de que a economia brasileira apresenta características que a tornam uma economia dependente dos países centrais, buscamos analisar o impacto do processo de financeirização sobre a nossa sociedade e suas possíveis consequências, dando ênfase em uma análise crítica dos fatos apontados.

Palavras-chave: financeirização; ensino superior; capitalismo dependente; política social; Fies

Mesa Coordenada 14. Os desafios da transição ao socialismo: análises críticas da experiência soviética

Coordenador: Marcio Lauria Monteiro

A Revolução Russa e o debate sobre o papel dos sindicatos (1919-1921)

Carlos Prado (UFMS)

Resumo

O presente artigo pretende discutir a polêmica suscitada em 1920 no interior do Partido Bolchevique sobre o papel dos sindicatos em uma economia de transição socialista. A controvérsia teve sua origem em dezembro de 1919, quando Trotski, chefe do Comissariado de Guerra, lançou a proposta pela “militarização do trabalho” e só se encerrou em 1921, durante o X Congresso do PCR(b). Durante os meses de debate diversos líderes e órgãos se manifestaram e contribuíram com o debate. Formaram-se ao menos três grupos que dominaram as discussões. De um lado, Trotski e Bukharin defenderam que sob ameaça de total decomposição da Revolução e da estrutura político-econômica era preciso instalar o controle estatal sobre a classe trabalhadora. De forma completamente oposta, se posicionaram o grupo da Oposição Operária, que protestou contra a tutela do governo e do partido em relação aos sindicatos. Por sua vez, entre os dois extremos, o grupo liderado por Lenin, apresentou uma posição intermediária. Insistiram que o recurso da coação só deveria ser utilizado em última instância e que os sindicatos não deveriam ser transformados em apêndices do Estado. O objetivo deste trabalho é apresentar e caracterizar estas divergentes posições acerca dos sindicatos na Rússia em processo de transição.

Palavras-chave: Revolução Russa; Sindicatos; Trotski; Oposição Operária; Lenin.

Preobrazhensky e o debate sobre a burocratização no seio da vanguarda bolchevique durante a década de 1920

Rebecca de Oliveira Freitas (UFF)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo traçar apontamentos sobre a elaboração de Evgeny Preobrazhensky sobre a questão da burocratização durante a década de 1920. Para tanto, traça um panorama sobre a discussão acerca da burocratização ocorrida no interior do Partido Bolchevique ao longo da década de 1920. Em especial, destacam-se os posicionamentos elaborados por Lenin, Trotsky, Bukhárin e Stálin. Assim, aponta-se o pensamento de Preobrazhensky enquanto reconhecendo uma relação entre o processo de reconstrução econômica e o de burocratização, defendendo um processo que o autor chama de acumulação socialista primitiva e a democratização do partido enquanto condição para a constituição de uma economia socialista que consiga superar o perigo burocrático. Palavras chave: burocratização, URSS, Preobrazhensky.

A natureza social do stalinismo e da União Soviética segundo Leon Trotski

Morgana Moura Romão (UFF)

Resumo

Esta pesquisa pretende analisar a dinâmica do pensamento de Leon Trotski sobre a ascensão e o significado do Stalinismo e a chamada natureza social da União Soviética, temas centrais para a compreensão do século 20. Isso será feito de modo a ater-se, ainda que sinteticamente, à militância política desse autor e às suas contribuições analíticas em diferentes conjunturas históricas sobre a referida temática.

PALAVRAS-CHAVE: Trotski; stalinismo; burocratização; URSS.

As revoltas e revoluções por democracia socialista no “bloco soviético” (1953-56)

Marcio Lauria Monteiro (UFF)

Resumo

Após a Segunda Guerra Mundial, a URSS expandiu para parte do Leste Europeu seu modelo econômico e social de uma sociedade de transição entre capitalismo e socialismo dotada de um regime de ditadura da burocracia (stalinismo), formando assim o "bloco soviético". Após a morte de Stalin, a burocracia necessitou realizar concessões como forma de evitar uma revolta. Isso originou um "novo curso". As mudanças, todavia, geraram conflitos na cúpula de muitos regimes, entre "conservadores" e "reformadores". Vendo tais conflitos, e dotadas de grandes expectativas por mudanças, a classe trabalhadora e setores da intelectualidade de diferentes países aproveitaram a situação para demandar uma mudança profunda. Os anos 1953-56 foram marcados por forte agitação social: operários, camponeses, intelectuais e estudantes, todos passaram a deixar vazar suas frustrações com as contradições sociais, falta de liberdade e dificuldades materiais. Em alguns casos, a agitação assumiu a forma de levantes proletários (Pilsen, na Tchecoslováquia, e RDA em 1953; Polônia em 1956) ou mesmo revoluções, com a aparição de um embrião de Estado paralelo, baseado em conselhos proletários (caso da Hungria em 1956). As burocracias à frente dos regimes stalinistas realizaram então mais concessões, mas o período seguiu sendo marcado por aguda instabilidade política e social, só parcial e temporariamente contida após a brutal repressão da Revolução Húngara. Esse conjunto de eventos é central para a compreensão das contradições dessas peculiares formações sociais, bem como para melhor compreender seu colapso na virada dos anos 1980-90. PALAVRAS-CHAVE: União Soviética; bloco soviético; stalinismo; democracia socialista; revolução política.

Mesa Coordenada 16. Projeto do capital para a educação e a perspectiva emancipatória: os antagonismos e as resistências

Coordenador: Raquel Dias Araujo

As articulações do Escola sem Partido com o projeto do capital para a educação em tempos de conservadorismo

Raquel Dias Araujo (UECE)

Karine Martins Sobral (UFMA)

Natália Ayres (UFC)

Andreyson Silva Mariano (UFC)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo central analisar criticamente o Projeto Escola sem Partido – PESP como movimento e programa, situando-o no contexto de avanço das ideias conservadoras no Brasil, e identificar seus impactos sobre a atividade docente e sua articulação com o projeto do capital para a educação. Para tanto, dividimos o texto em dois momentos. No primeiro momento, apresentamos os elementos de contextualização do avanço do conservadorismo no Brasil, tomando como referência as contribuições dos autores críticos às ideias conservadoras e que vêm produzindo análises sobre o golpe parlamentar de 2016 no Brasil e seus efeitos sobre a economia, a política e a educação, no caso mais específico. No segundo, situamos o surgimento do Projeto Escola sem Partido nesse contexto e analisamos o seu significado a partir das contribuições condensadas em duas obras que foram fundamentais para iluminar as nossas análises, a saber, Frigotto (2017) e Penna, Queiroz e Frigotto (2018) combinadas às análises empreendidas por Freitas (2018) sobre a reforma empresarial da educação e suas articulações com o projeto ideológico da nova direita. Apontamos, à guisa de conclusão, as iniciativas de resistência ao Escola sem Partido.

Politecnia e instrução profissional na Rússia Revolucionária

Iziane Silvestre Nobre (UECE)

Resumo

Este artigo é resultado da dissertação de mestrado na qual investigou-se a relação entre trabalho, práxis e escola como elementos de uma formação revolucionária. Neste sentido, uma das temáticas que transversa a toda essa discussão diz respeito aos pressupostos metodológicos do que seja politecnia e instrução profissional. Esse debate ganha relevância especialmente após 1921, no qual, houve um recuo estratégico após a implantação da Nova Política Econômica, modificando toda sua estrutura especialmente após a ascensão de Stalin ao poder, no qual predominou um formato de educação voltado especificamente para a formação de quadros e a dimensão político-social perdeu-se no burocratismo das instituições educativas, devido a ausência das bases materiais para o desenvolvimento das forças produtivas no qual atendessem as necessidades humanas em sua dimensão integral. Como centro desse debate, trazemos as contribuições de Pistrak (2015) e Shulgjin (2013), ambos educadores soviéticos no período da Revolução Russa, porém, havia divergências cruciais no que tange ao conceito de politecnia e instrução profissional e como ela deve atender as necessidades de uma sociedade em transição.

A educação de jovens e adultos e a psicologia histórico-cultural: contribuições ao entendimento do homem adulto cultural

Samantha Macedo Lima (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará)

Resumo

O artigo consiste num recorte da pesquisa de mestrado, realizada em 2014. Apesar de não haver um tratado específico sobre o desenvolvimento do adulto não escolarizado ou em processo de escolarização na Psicologia Histórico-Cultural (PHC), partiu-se das contribuições acerca da concepção de “homem cultural” que denota a ideia de homem fundada nos pressupostos do materialismo histórico, colocando em relevo o desenvolvimento ontogenético atrelado ao desenvolvimento evolutivo e histórico. Aja visto que os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), também se constituem como homem adulto cultural e não são apenas, como pensam muitos ideólogos

da EJA, resultados da evolução biológica ou da ontogênese, e sim resultados do desenvolvimento histórico. A pesquisa tem como perspectiva teórico-metodológica a ontologia marxiano-lukacsiana, pois, possibilita entender de maneira mais completa o primado da totalidade do ser social e suas contradições, de forma sempre aproximativa. Com o intuito de alcançar uma investigação mais rigorosa possível, realizou-se uma pesquisa teórico-bibliográfica e documental. Por fim, considera-se que a PHC permitiu apreender as linhas gerais do motor que levam a deformação implicada do psiquismo de homens precariamente escolarizados e seus desdobramentos para a prática social, assim como compreender a legalidade do processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos, bem como realizar a crítica aos limites da EJA na sociedade contemporânea, na medida em que oferece novos e diferentes instrumentos para o entendimento dos processos cognitivos, sob a perspectiva das determinações histórico-sociais.

O sindicato como educador e educando

Nericilda Bezerra da Rocha (UFC)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo estabelecer um diálogo sobre a relação dialética da organização representativa da classe trabalhadora, o sindicato, como uma organização que educa e ao mesmo tempo é educada no fazer-se de sua atuação como instituição de formação e educação política dos trabalhadores. Decidimos voltar ao básico e revisitar alguns dos debates sobre o sindicalismo em torno da noção de luta política, econômica e ideológica pelos clássicos do marxismo e, adotando a categoria da práxis como categoria de análise e postulado marxista político-educativo central, lançamos luzes sobre o papel do sindicato como educador e educando em pleno século XXI.

Mesa Coordenada 17. Lutas sociais, realidade brasileira e os desafios contemporâneos para a construção da escola pública e democrática

Coordenador: Jacqueline Aline Botelho Lima Barboza

Particularidade brasileira e a atualização da perseguição ao projeto de escola democrática

Jacqueline Aline Botelho Lima Barboza (UFF)

Resumo

Os movimentos sociais são espaços importantes de formação, atuando como sujeitos Pedagógicos essenciais na produção da humanização das pessoas. Ciente dessa potencialidade, o Estado brasileiro atua na criminalização dos movimentos sociais e de suas experiências de autoformação, agindo diretamente sobre o recrudescimento de ações privatistas no campo educacional, fortalecedoras da organização da sociedade em classes antagônicas, operando políticas de coerção e de conteúdo minimalista para os mais pobres. Um movimento social será tanto mais educativo ou seja, terá um peso formador maior, quanto mais se consolide como organização coletiva, agindo de forma coerente com os seus objetivos e diretrizes, envolvendo as pessoas em processos de participação popular em torno de temas de interesse do conjunto da população. A Pedagogia do Movimento, afinada com o princípio de gestão democrática da escola, é uma identificação construída pelos movimentos sociais para a práxis pedagógica. É neste sentido que defendemos a escola pública como espaço de vivência de liberdade e experiências democráticas, capaz de promover a vivência de relações sociais que fortaleçam o protagonismo de crianças, jovens e adultos, atuando como mediação fundamental na construção da hegemonia e no exercício do estudo, imprescindível aos processos de formação da consciência. Pensar a educação no Brasil nos provoca a pensar o trabalho, os interesses das classes sociais e a constituição histórica das suas formas de dominação, que na particularidade brasileira aprofundam o dualismo na educação, justificado pela organização do trabalho fundamentada na espoliação dos mais pobres, moradores das periferias das cidades, e especialmente do campo.

Liberalismo, democracia e os caminhos da “modernidade capitalista” no Brasil: substratos para a via repressiva de contenção das reivindicações da classe trabalhadora

Douglas Ribeiro Barboza (UFF)

Resumo

O presente estudo busca analisar o terreno sob o qual a via repressiva de neutralização das lutas dos trabalhadores se consolidou na formação social brasileira, articulando a essência do liberalismo no tocante a institucionalização da democracia e o caráter de constante restritividade política às camadas mais subalternizadas. O eixo central de análise parte dos processos que nos conduziram à “modernidade” capitalista e com as especificidades que, em função da particularidade da nossa “revolução burguesa”, tornaram-se próprias do capitalismo conformado no Brasil. No nosso cenário, a falácia dos ideais políticos da “garantia de vida, de liberdade e de igualdade para todos os cidadãos” torna-se mais evidente pela perpetuação de valores tradicionais elitistas e autoritários, bem como a sobrevivência de estruturas de mando que implicaram na marginalização de amplos setores da população.

Sob os despojos da história: fragmentos de passado para a construção de estratégias de resistência

Aline Caldeira Lopes (PUC-RJ)

Resumo

O artigo objetiva discutir a importância das disputas no campo das memórias sobre a ditadura militar no Brasil a partir da reconstrução de parte do processo histórico de chegada das Forças Armadas em territórios negros rurais no espaço agrário brasileiro na década de 1970. O enfoque serão os territórios, hoje reconhecidos como territórios quilombolas (art. 68 dos ADCTs da CF/1988), de Rio dos Macacos (BA) e Ilha da Marambaia (RJ).

Capitalismo contemporâneo, formação social brasileira e barbárie: breves reflexões

Lucia Maria da Silva Soares (UFF)

Resumo

A chegada de Bolsonaro ao poder no Brasil ratifica o novo episódio de “modernização conservadora prussiana” iniciado com o golpe de 2016 num cenário capitalista mundial de radicalização de barbárie. Tal momento nacional de ares de extrema direita ameaça dramaticamente a sobrevivência dos trabalhadores, particularmente a dos mais pobres, mulheres, negros, indígenas e lgbt’s num agravamento nefasto das nossas desigualdades históricas.

Mesa Coordenada 18. Classe, gênero, raça e sexualidade: perspectivas revolucionárias desde a IV Internacional

Coordenador: Carla Benitez Martins

“A sexualidade é uma questão política”: a IV Internacional e a luta pela libertação das LGBTs

Gustavo Seferian (UFMG)

Resumo

O presente texto pretende expor um panorama da abordagem dada pela tradição da IV Internacional acerca da luta pela libertação das LGBTs. Para tanto, assume como metodologia a investigação de textos produzidos por militantes, seções nacionais e pelo Comitê Internacional da organização, a fim de (i) indicar as possíveis fontes, em Trotsky, das referidas reflexões; (ii) traçar um breve histórico das problematizações feitas no bojo da tradição da IV Internacional acerca da moral, burocracia e sexualidade e da necessidade estratégica de enfrentamento das opressões; para que então seja possível (iii) elaborar um panorama das formulações propostas pelas seções nacionais da Internacional, acerca da luta pela libertação das LGBTs, que servem de paradigma (iv) às principais características estruturantes das linhas políticas pautadas pelo Comitê Internacional da organização, cujos traços fundamentais, pautados em seus documentos oficiais, fazem denotar a natureza e a dimensão tática das proposições trazidas e incorporadas pela prática militante quartista.

A “questão negra” na Quarta Internacional

Daniel Vitor de Castro (UFG - Campus avançado de Jataí)

Resumo

Este artigo analisa como a IV Internacional trabalhou a questão racial negra, tendo como foco os debates sobre autodeterminação dos negros norte-americanos. O texto introduz as obras de alguns intelectuais marxistas negros que fundaram bases teóricas para uma cultura política afrodiáspórica. Apresenta as formulações trotskistas que discutem as bases políticas da IV Internacional; discorre sobre as principais formulações para a luta negra norte-americana que mobilizaram movimentos negros, o Partido Comunista e o partido trotskista SWP, por fim, traz os debates feitos entre Trotsky e C.L.R. James sobre autodeterminação da luta negra e formação de uma organização negra independente de massas nos EUA. Conclui que a tradição da IV Internacional tem o combate à opressão racial como centralidade nos países com história de escravidão e colonialismo e que mantem acesa a tarefa de produzir sínteses com a auto-organização dos oprimidos.

A real emancipação das mulheres e os dilemas com as organizações da classe trabalhadora: reflexões programáticas e conjunturais da IV Internacional

Carla Benitez Martins (UFG - Campus avançado de Jataí)

Resumo

O artigo pretende propor leituras críticas das principais resoluções da IV Internacional acerca da luta pela libertação das mulheres. Pautando-se na necessidade de uma leitura interseccional que articule classe, gênero e raça, inicia sua proposição a partir de uma breve retomada histórica da luta auto-organizada das mulheres na sociedade capitalista, e pautando-se fundamentalmente na leitura de Cinzia Arruzza – principal expoente contemporânea da discussão e prática feministas a reivindicar a tradição –, o texto incide em experiências de conquistas e retrocessos do movimento de mulheres (a exemplo da Revolução Russa - e sua degeneração burocrática - e os ascensos feministas verificados no último período), a fim de desembocar nas sínteses fundamentais traçadas pela em resoluções do Comitê Internacional da organização. Diante de tais textos, propôs-se uma leitura estrutural e conjuntural, sinalizando seus principais indicativos táticos e estratégicos, preocupando-se em incidir sobre alguns temas pontuais – como, por exemplo, a concepção de “terceiro mundo” e a abordagem da libertação das mulheres desde um referencial de raça – para indicar os limites e potencialidades das proposições inscritas nos referidos documentos.

Mesa Coordenada 19. Desvendando Bolsonaro: neofascismo e ação política/ideológica internacional

Coordenador: Rejane Hoeveler

Bolsonaro, fascismo e neofascismo

Demian Melo (UFF)

Resumo

Bolsonaro é um fascista? O propósito desse trabalho é fomentar tal debate a partir de considerações sobre a historiografia do fascismo e a teoria marxista a esse respeito, pensando nas principais características do que podemos chamar de bolsonarismo.

O conselho das Américas e as eleições de 2018 no Brasil

Rejane Hoeveler (UFF)

Resumo

O Conselho das Américas (AS-COA) foi fundado em 1965 reunindo as 200 corporações estadunidenses com maior atuação na América Latina. Atuando como Aparelho privado de Hegemonia, reúne e organiza frações do capital que opera em escala hemisférica, desenvolvendo uma ação política de classe. Nessa comunicação, pretendemos apresentar a relação dessa entidade privada com a complexa e preocupante conjuntura eleitoral de 2018 no Brasil. O Conselho promoveu ou incentivou iniciativas diretamente voltadas para as eleições, como o RENOVABR; e também nos permite, através da análise de diversos debates organizados com grandes empresários e intelectuais orgânicos das classes dominantes no Brasil, vislumbrar como esse grupo, ideologicamente liberal tanto na economia como nos costumes, refletiu e atuou perante a ascensão de Jair Bolsonaro.

Frações do empresariado em campanha pró-bolsonaro (2018)

Elaine Bortone (UFRJ)

Resumo

A vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 é resultado de inúmeros fatores, inclusive da ação de frações do empresariado brasileiro, no sentido de assegurar a presidência da República. A comunicação pretende levantar e analisar todos os empresários / empresas que contribuíram para a eleição do candidato do PSL, bem como suas contribuições a diversos deputados. Estas contribuições se deram por doações, coações, disparos de fake news, responsáveis pelo seu crescimento na campanha, e apoios indiretos. O levantamento foi feito por meio dos sites do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da imprensa.

A "ideologia de gênero" e a guerra cultural do bolsonarismo

Fernanda Moura (SME/RJ)

Resumo

Nos últimos anos, temos visto uma série de ataques à educação em vários países da América Latina. Na esteira dos governos conservadores que recém adentraram ao poder, estiveram idéias as mais obscurantistas e atrasadas que existem na sociedade. Uma delas está no que subjaz ao uso do termo "ideologia de gênero". No Peru, Paraguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica e, obviamente, Brasil, bem como em outros países, campanhas que tinham como mote o combate à "ideologia de gênero" tiveram efeito político inédito nos últimos anos, o que obriga a pesquisadores defensores de uma educação não-sexista ruçarem-se sobre o tema. Pretendemos aqui contribuir com um estudo de caso sobre as batalhas culturais, legislativas e jurídicas em torno da questão do gênero na educação no Brasil, de 2014 até os dias atuais.

Mesa Coordenada 20. Educação e classes sociais: contribuições ao debate que a conjuntura impõe

Coordenador: Zuleide S. Silveira

A contribuição do materialismo histórico-geográfico dialético ao debate de “cinema crítico e educação” no curso de pedagogia da UFF

Zuleide S Silveira (UFF)

Resumo

Este texto busca destacar a concepção de formação do pedagogo orientadora da reformulação curricular do Curso de Pedagogia e a gênese das Atividades Culturais como componente curricular obrigatória na formação docente. Evidencia o leque de possibilidades que as Atividades Culturais abrem para formação estético-política e social do pedagogo, sendo forma de democratizar o acesso à cultura com foco na arte cinematográfica. Aponta para a prática das Atividades Culturais Cinema Crítico e Educação, discutindo as questões em torno da arte, estética e cultura. Analisa o documentário O sal da Terra como possibilidade de refletir a adoção do materialismo histórico-geográfico dialético ao se adotar a iconografia como fonte documental.

A educação no contexto da crise do capital e a alternativa concreta para a transformação social

Wanderson Pereira Araújo (IFNMG)

Hormindo Pereira de Souza Júnior (UFMG)

Resumo

Este artigo é consequência do debate iniciado na tese de doutorado que discutiu em um momento “a educação como elemento de imposição orientada para a autoexpansão do capital à educação como alternativa concreta da transformação social”, vinculado ao Grupo Marx, Trabalho e Educação – GEPMTE da Universidade Federal de Minas Gerais, o qual tenta aprofundar o referencial marxista na leitura da realidade contemporânea, reafirmando o trabalho como categoria central no processo de produção e reprodução sociais. O texto abrange uma compreensão crítica sobre a problemática da formação humana, tendo em conta os desafios que se colocam à organização e à educação dos trabalhadores. Nesse sentido, temos como referencialidade teórica os textos a partir de Karl Marx, Mészáros e Lukács; pelo quais tomamos como princípio condutor, as possibilidades da emancipação humana.

Relações de classe entre oprimidos

Gelta Terezinha Xavier (UFF)

Lennon de Souza Vasconcelos (UFF)

Resumo

O título do texto remete à necessidade de promover discussões a respeito da conjuntura nacional e internacional, segundo a forma como a avaliamos.

Nos espaços acadêmicos, estudos, pesquisas, ensino, ações junto a outros grupos, implicam apropriação de temas, conforme as leituras de mundo, mais que a leitura das palavras. O ponto de partida é observar episódios e realizar a crítica a nossos comportamentos. A seguir, afirmamos concepções que nos sustentam e resguardam para a inserção nos debates e nas lutas. A produção de ideias e da vida, pela via das artes, da música, cinema, teatro, as manifestações, é ressaltada como recurso de renovação.

O relato da inserção em movimentos políticos como foram as ocupações de escolas/universidades por estudantes informa o conteúdo da experiência educativa, além do alcance da universidade. Transgressões, educação da classe.

Mesa Coordenada 22. Estado e direito: a crise do capital e a luta de classes em Marx

Coordenador: Maria Artemis Ribeiro Martins

Políticas de austeridade e seus impactos na desigualdade social do Brasil

Regis Gonçalves do Nascimento (UNICAMP)

Resumo

O Brasil é um dos países do mundo que possui a renda mais concentrada no grupo dos 1% mais ricos, e esta situação de enorme desigualdade não se encontra restrita somente à esfera da renda. Os gastos sociais provam ser ferramentas essenciais para se atingir os objetivos de redução da desigualdade e pobreza, enquanto as políticas de contenção de gastos são concentradoras de renda e tendem a aumentar a pobreza existente, através da apresentação de trabalhos relacionados a este tema, tenta-se comprovar este fato. A austeridade se mostra como uma política classista, disfarçada com argumentos técnicos economicistas para defender os interesses dos capitalistas, e atua no Brasil através de medidas concretas, como por exemplo, a EC 95.

Palavras-chave: austeridade, desigualdade social, gastos sociais.

O direito nas formas de acumulação de capital

Amélia Coelho R. Maciel (UERJ)

Resumo

Na perspectiva materialista histórica, a ordem social se desenvolve através das relações sociais de cada época. A forma da ordem social, portanto, é histórica, isto é, a história é construída pela sociedade através relação produtiva do ser humano com a natureza e entre si. Então, são as condições materiais históricas que geram a organização social, tais como Estado, Direito, Leis, cultura, religiões, etc. No capitalismo, a ordem social tem como base a expropriação e a exploração do trabalho humano não pago. Diante destas caracterizações, este trabalho tem por objetivo analisar como o Direito aparece diante das duas formas essenciais de acumulação de capital, i.e., a acumulação de capital por expropriação, ou espoliação, bem como acumulação de capital através da apropriação do mais valor, substantivada por Luxemburgo como acumulação econômica propriamente capitalista. Para isto, primeiramente serão levantadas breves considerações sobre Estado e Direito na perspectiva de Marx. Em seguida, aproveitando a preliminar e breve abordagem sobre a equivalência das mercadorias e fetichismo da mercadoria, serão desenvolvidas considerações sobre a igualdade no abstrato e as desigualdades no concreto, bem como a relação entre essência e aparência do Direito na sociedade capitalista, através dos estudos de Pachukanis e Ruy Fausto. Por fim, será analisada a forma como o Direito aparece diante da acumulação capitalista por expropriação, ou espoliação, i.e, o direito na repetição da acumulação primitiva através de Luxemburgo, Harvey, Dörre, Fontes e Gonçalves.

Palavras-chave: acumulação primitiva, capitalismo, direito

Considerações iniciais acerca da análise dialética sobre a dinâmica da crise do capital

Maria Artemis Ribeiro Martins (UFC)

Resumo

Este trabalho pretende analisar, em Marx, a crise na sociedade capitalista. Partindo de um esforço dialético, que tenha a contradição como uma categoria fundante, pretendemos demonstrar que a dinâmica capitalista consiste em um constante movimento de superação e de reposição de suas contradições. O capital revoluciona constantemente suas forças produtivas: as máquinas, a ciência e a tecnologia. Ao se desenvolver, produz mais e busca a todo momento expandir essa produção em larga escala, invadindo territórios, culturas e destruindo a natureza. Mas a massa miserável não consegue consumir tudo o que é produzido pelo capital, que também precisa continuar produzindo, necessita de mais recursos naturais, limitados pelas barreiras próprias da natureza. A contradição do capital gera crise, instabilidade, desequilíbrio entre produção e consumo, entre produção e distribuição. Aprofunda e estabelece um desequilíbrio insuportável na relação entre capital e trabalho, entre a tecnologia e os recursos da

natureza. A substância da crise está, portanto, no fato de o capital não poder resolver essas contradições, a saber, a de não poder repor os recursos da natureza e de não poder dar condição ao mundo do trabalho para consumir substancialmente. Então, a substância da crise é a incapacidade de o capital resolver suas contradições. Ao não poder resolver suas contradições, que geram desequilíbrio, a crise – que já está contida nele, portanto, inerente à essência do capital, ascende à superfície se revelando na sua aparência, momento em que são dados saltos autodestrutivos do própria sistema.

Palavras-chave: Capital. Crise. Teoria da Crise.

O método de Marx em Pachukanis: a Revolução Russa e a teoria do direito. Anotações para uma práxis autocrítica na luta por direitos

Diego Nicolás Ferrari (UFRI)

Resumo

Resumo:

O artigo se propõe analisar o método utilizado por Pachukanis na sua principal obra “Teoria geral do direito e o marxismo” (1924) formulada no contexto dos primeiros anos da Revolução Russa, e refletir sobre a atualidade das suas conclusões e do método marxiano no contexto atual de multiplicação das lutas por direitos no combate às opressões. Se introduze ao tema observando que no contexto de crise existe um retorno aos clássicos para interpretar a realidade, dado que as modas da academia caducam. O texto percorre uma aproximação aos elementos do método dialético em Marx; depois são analisadas algumas questões da teoria social no desenvolvimento histórico da revolução de outubro e algumas das suas lideranças; e por último são destacados rudimentos da vida e obra do revolucionário jurista russo. Nas conclusões se realizam observações sobre a necessidade de uma práxis autocrítica dos marxismos nas atuais lutas por direitos.

Palavras-chave: Método dialético – Revolução Russa – Pachukanis – Direitos – Marxismos.

Mesa Coordenada 23. Gênero e marxismo

Coordenador: Amanda Menconi Hornhardt

Nos sindicatos, quem é, afinal, a classe trabalhadora que falamos? Considerações sobre a concepção de gênero, raça e classe no sindicalismo

Amanda Menconi Hornhardt (UNICAMP)

Ingrid Saraiva Tavares (UNICAMP)

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as relações de gênero e a concepção de classe construída historicamente dentro dos sindicatos, buscando refletir sobre a necessidade da compreensão da heterogeneidade da classe para o fortalecimento da luta sindical. É feita uma discussão bibliográfica sobre as contribuições de importantes teóricas nesse debate, além de uma discussão acerca do sistema político, econômico e social que tem se desenvolvido no capitalismo contemporâneo e sua relação com a exploração e opressão das mulheres trabalhadoras. Neste sentido, debatemos a inserção, no interior do sindicalismo, de mulheres no trabalho e nos espaços de poder e os principais debates teóricos desenvolvidos sobre o impacto dessa inserção. Ao final, mencionamos lutas recentes que demonstraram a importância da articulação entre o movimento sindical e o movimento feminista, o que passa pela necessidade pelo reconhecimento da diversidade e da heterogeneidade de categorias como “classe” e “mulher” dentro da perspectiva marxista.

A apropriação do método marxista para a superação das ilusões do feminismo liberal

Karla Raphaella Costa Pereira (UECE)

Ellen Cristine dos Santos Ribeiro (UECE)

Juscilene Silva de Oliveira (UECE)

Maria Aires de Lima (UECE)

Resumo

O presente artigo objetiva recolocar o método materialista histórico-dialético no centro da luta feminista, pois este possibilita a compreensão do horizonte de da possibilidade real de superação da exploração capitalista geradora das opressões apresentadas hoje como pautas identitárias. É resultado de pesquisa bibliográfica. Apresenta as categorias do método articuladas com a luta do movimento feminista, defendendo que essas já dão as ferramentas epistemológicas necessárias à compreensão da realidade concreta dos indivíduos na sociedade capitalista em suas múltiplas determinações. Defende-se neste texto o acolhimento das diversas pautas, mas a negação completa do feminismo liberal. Advoga-se, inclusive, que tanto os movimentos identitários quanto o marxismo ortodoxo possuem elementos a serem superados para que a unificação da classe trabalhadora contemporânea em torno da superação do capital seja construída.

A escritura solitária: luta de massas, social democracia e a questão feminina em Rosa Luxemburgo

Paula Emanuela Lima de Farias (UFC)

Fábio José Cavalcanti de Queiróz (URCA)

Lucas Ribeiro Scaldaferrri (UFBA)

Resumo

No centenário do assassinato de Rosa Luxemburgo, investigamos as relações entre o seu conceito de luta política de massas, mediado pelos nexos desse problema com o tema do aparelho partidário, e a questão da luta das mulheres; tentando, à luz do presente estudo, examinar a contribuição da intelectual marxista polonesa às temáticas propostas.

Interseccionalidade, consubstancialidade e a metáfora do “nó”: a importância das lentes analíticas para a compreensão da imbricação de gênero, raça e classe

Amanda Menconi Hornhardt (UNICAMP)

Resumo

A partir de 2017 foi possível notar uma maior articulação do movimento feminista internacional, um maior intercâmbio de estratégias de ação coletiva entre o sindicalismo e movimento feminista e a defesa, nos eventos de protestos, de pautas feministas que dialogam com pautas políticas e econômicas mais gerais e que aliam também o local e o global.

Essas lutas estão ancoradas em uma maior articulação teórica dos debates de gênero, raça e classe. Nesse sentido, o presente trabalho promove um resgate de alguns elementos importantes de conceitos úteis para repensar a relação entre lutas sociais, gênero e marxismo: a Interseccionalidade e a Consustancialidade; além da metáfora do “nós das relações sociais” de Helleieth Saffioti.

Mesa Coordenada 24. História, memória, historiografia: desafios contemporâneos

Coordenador: Lucas Augusto Duarte de Oliveira

Os ardis da memória: o debate público sobre o golpe e a ditadura no Brasil em tempos de revisionismo histórico e ofensiva conservadora

Carlos Zacarias de Sena Júnior (Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História/UFBA)

Resumo

O objetivo desse trabalho é refletir sobre as formas como o conhecimento e a discussão sobre passados traumáticos são elementos indissociáveis de uma visão ético-política de mundo. Pretendemos analisar as formas como as disputas de memória e os embates historiográficos introduziram no discurso científico uma noção de anódina de objetividade cujo papel hegemônico terminou por condenar a priori qualquer produção matizada pela crítica ético-política ao golpe de 1964 e a ditadura (1964-1985), inspirada no marxismo. Buscamos discutir os caminhos atuais das disputas de memória sobre o golpe de 1964 e a ditadura, a luz de algumas teses esposadas pela historiografia recente, assumindo como hipótese que as posições expressas pelo presidente do STF acerca do golpe e mesmo as posições do presidente da República, são correspondentes com algumas das teses mais importantes apresentadas pela historiografia revisionista sobre o do assunto.

"A Bahia ainda é a Bahia" – memória autonomista e conservadorismo no discurso histórico de Luiz Viana Filho (1938)

Eduardo Ferreira da Silva Pereira (Mestrando no Programa de Pós Graduação em História/UFBA)

Resumo

Este estudo preliminar se dirige ao exame da operação historiográfica de Luiz Viana Filho, partindo de um aspecto pontual da sua produção intelectual: a exaltação da resistência liberal na Revolta Separatista de 1837. Esta, demonstra o empenho do pensamento autonomista na legitimação de uma “vocaçãõ” histórica, através da elaboração de um discurso, de viés conservador, que visava a legitimação do seu projeto político durante o Estado Novo.

Se soubéssemos o que aconteceu, ficaríamos enojados? A política contemporânea e o fazer historiográfico

Lucas Duarte (IDAES; UNSAM; CONICET)

Resumo

No presente trabalho procuramos estabelecer de forma introdutória um debate epistemológico a respeito das transformações no estudo da História ao longo das últimas décadas. A partir de autores como Enzo Traverso, Ellen Wood e Carlo Ginzburg, quisemos identificar a trajetória global que deu sentido a muitas das mudanças na interpretação do passado, sublinhando seu componente conservador de “despolitização”. Nesse cenário, a problematização das premissas que informam uma certa historiografia baseada no assim chamado “apoio social aos regimes autoritários” pareceu-nos fundamental. Realizamos, então, um levantamento preliminar da historiografia brasileira a respeito dos golpes militares, procurando localizar nosso trabalho num amplo histórico de discussões sobre os anos 60 e 70 no Cone Sul. Demarcando as limitações teóricas de leituras que se tem chamado de revisionistas, sublinhamos a importância de determinados parâmetros de verificabilidade para a consecução da pesquisa histórica.

Luta armada, revolução e revisionismo historiográfico e político

Carla Luciana Silva (UNIOESTE; Fundação Araucária)

Resumo

Estudo da noção de Revolução para o grupo de luta armada VPR – Vanguarda Popular Revolucionária a partir de 1967. Discussão sobre as concepções teóricas que informavam a ideia de Revolução e os conflitos reais em torno da experiência do grupo em suas ações. Discussão sobre as visões que a historiografia, que reproduzem o princípio militar da “Guerra Revolucionária” para qualificar aqueles militantes como autoritários e aventureiros.

Mesa Coordenada 26. O conflito social e a violência no pré-capitalismo

Coordenador: Thiago Pereira da Silva Magela

Conflitos sociais e estratégias senhoriais nas Inquirições Gerais de Afonso III: o caso de Baião e Penaguião (Portugal – Século XIII)

Thiago Pereira da Silva Magela (UFF)

Resumo

Desejamos neste artigo demonstrar como a prosopografia pode auxiliar-nos na compreensão das dinâmicas político-sociais do feudalismo, em especial, no Portugal medieval. A grande questão neste trabalho é responder como se relacionavam os poderes locais e o poder régio em Portugal no reinado de Afonso III (1254-1279). Parecem-nos interessante os constantes conflitos e disputas entre os diversos aristocratas portugueses contidos nas Inquirições Régias. Conflitos sociais estes interpretados tradicionalmente como resistência senhorial ao projeto de centralização régia. O que pretendemos defender, nesta apresentação, é que estes conflitos faziam parte da dinâmica feudal.

A ilha de sangue: uma análise das práticas de vingança na Islândia medieval

Caio de Amorim Féo (UFF)

Resumo

O objetivo do presente trabalho é, essencialmente, compreender os mecanismos de reprodução da sociedade islandesa durante o período do Estado Livre (930-1264) pela análise da violência presente nas ações de vingança privada. Embora cristianizados desde o ano 1000, é possível verificar na Islândia a permanência de um ethos violento antigo que se mantém enraizado até a submissão à coroa norueguesa. Desse modo, delinear as estruturas que fundamentam a atitude vingativa fornece um panorama ampliado do corpo social pelo fato das motivações para o início de uma vendeta serem extremamente variadas.

A violência como mecanismo de reprodução classista e estatal na Idade Média Central (séc. XI-XIII)

Edilson Menezes (UFF)

Resumo

O conceito de violência é marcado pelas mais diversas abordagens teórico-historiográficas, tal qual a própria dificuldade em defini-lo. O presente artigo tem por objetivo fundamental ponderar os elementos que compõe o amplo leque intitulado violência, sob a perspectiva de sua organicidade na reprodução material no período abordado. A visão contemporânea de violência é associada ao uso da força, das armas, da agressão — objetiva ou subjetiva — etc. Portanto, em geral, a abordagem comum de violência é a ruptura, descontinuidade; não obstante, na realidade feudal, tal abordagem impõe um conjunto de constrangimentos ao historiador na medida em que a violência é a própria dinâmica de reprodução das estruturas de poder. Nesse sentido, o conceito de violência será explorado em sob seu prisma jurídico-militar: autores como Walter Benjamin, Lukács, Bourdieu, Patrick Géary, Georges Sorel, Slavoj Žižek, etc. auxiliaram no que se refere à apreensão teórico-filosófica do conceito. Por sua vez, explorar a centralidade orgânica e sistêmica desse mecanismo na dinâmica do Estado feudal auxilia não apenas a configuração das organizações políticas da Idade Média Central, mas ilustra o debate histórico das formas de poder e dominação e o recurso sistemático à violência. Contemporaneamente, o imperialismo exemplifica o recurso sistemático à violência como mecanismo de reprodução do grande capital. Pode-se considerar a história da luta de classes como, também, uma história das formas de violência quanto à manutenção das formas históricas de dominação social. Ponderá-la, historicamente, é absolutamente necessário.

Trabalho assalariado, campesinato e luta de classes. A violência estatal e os conflitos de classe na Baixa Idade Média portuguesa (séculos XIV e XV)

Matheus Bastos Tarjano Santos (UFF)

Resumo

A temática da transição do feudalismo ao capitalismo gerou uma grande quantidade de debates e contribuições em diversas áreas do conhecimento científico. O tema, no entanto, não parece estar esgotado e levanta alguns problemas, como a dimensão do trabalho assalariado e das indústrias rurais como a primeira forma das relações capitalistas no campo. A partir destes dois elementos, este trabalho busca compreender o papel do Estado feudal português frente às alterações das relações de produção e propriedade durante a Baixa Idade Média, exercendo o “controle dos corpos” como uma das formas mais expressivas da violência estatal. Deve-se levar em conta, também, o rearranjo entre as classes que permeiam esse processo e as relações de opressão presentes com a ascensão de uma nova configuração da produção.

Mesa Coordenada 27. Reprodução capitalista e Estado capitalista: racismo, patriarcado e dependência como totalidade concreta

Coordenador: Marina Machado Gouvêa

Capitalismo, racismo, patriarcado, dependência: por uma teoria unitária materialista, histórico-dialética

Marina Machado Gouvêa (ESS/UFRJ)

Maria Josefina Mastropaolo (ESS/UFRJ)

Resumo

O presente artigo reúne algumas considerações em torno ao materialismo e à concretude. Faz um 'debate de método' sobre a relação entre a forma especificamente capitalista de exploração do trabalho, a dependência e as opressões de gênero e raça, remetendo à divisão sexual, racial e internacional do trabalho (componentes da divisão social do trabalho). Remetendo à relação entre determinação e sobredeterminação, toma-as como base da reprodução do racismo, machismo, homofobia e xenofobia em sua forma especificamente capitalista. Para não ser idealista e manter seu potencial como instrumento revolucionário, o marxismo não pode jamais se coagular em lista de 'categorias abstratas' a ser 'aplicada' na compreensão da realidade.

Palavras-chave: Marxismo; Divisão racial do trabalho; Divisão sexual do trabalho; Divisão internacional do trabalho; Reprodução capitalista.

Trabalho, cuidado e as relações de gênero, raça e classe

Rachel Passos Gouveia (ESS/UFRJ)

Resumo

Partindo da compreensão do trabalho enquanto categoria fundante do ser social, em diálogo com Marx e Lukács, o presente artigo propõe o debate sobre a especificidade do cuidado (care) na divisão social do trabalho, investigando-o em sua concretude e em suas especificidades no que se refere à divisão racial, sexual e social do trabalho. Uma primeira seção debate a centralidade do trabalho na reprodução societária; a segunda seção se dedica ao papel específico dos trabalhos de cuidado (trabalho doméstico, cuidado de crianças e idosos/as, cuidados de saúde, etc.) para a reprodução social capitalista e a mercantilização dos trabalhos de cuidado; a terceira seção indica quem são as trabalhadoras do cuidado e a divisão racial e sexual que marca esta atividade no capitalismo contemporâneo, sendo fundamental para sua reprodução.

Palavras-chave: Trabalho; Cuidado (care); Raça; Gênero; Classe

Hipertrofia do sistema penal, destruição de direitos e acumulação de capital

Fernanda Kilduff (ESS/UFRJ)

Resumo

A partir do século XIX e até o tempo presente, o cárcere, na sua dimensão de instrumento coercitivo do Estado, tem como objetivo preciso a afirmação da ordem capitalista. Se a função do cárcere se transforma com o desenvolvimento das forças produtivas sob o comando do capital, mantém-se a sempre presente preocupação burguesa de controlar, disciplinar e castigar a setores da classe trabalhadora, que se constituem em ameaça – real ou potencial – para o regime de propriedade privada, política e economicamente orientada a “ensinar” os não proprietários a aceitar resignadamente sua condição de expropriados. No Brasil, os quatro séculos de escravidão, o histórico genocídio das populações originárias, a fragilidade democrática e o autoritarismo reacionário das elites coadjuvam a formação do sistema carcerário. O vertiginoso aumento da população carcerária no Brasil é o reverso do processo de contrarreformas neoliberais e está profundamente marcado pela classe e raça da população carcerária. O presente artigo analisa o caráter do sistema carcerário no Brasil, elenca desafios para a prática da/o assistente social e expõe os dados sobre a evolução da população carcerária nos últimos 30 anos, correlacionando-os às suas determinações concretas de classe, raça e gênero.

Palavras-chave: Hipertrofia do sistema penal; Acumulação capitalista; Neoliberalismo; Raça; Gênero

Expansão e centralidade da assistência social: o avanço do aparato assistencial do estado brasileiro
Mossicleia Mendes (ESS/UFRI)

Resumo

O presente trabalho trata da expansão do mecanismo assistencial no âmbito do Estado brasileiro como estratégia de intervenção na questão social, a partir da ofensiva neoliberal dos anos 1990 e que se acentua nos governos petistas, sobretudo, mediante programas assistenciais focalizados de alívio à pobreza, com centralidade para os programas de transferência de renda. Esta análise se realiza à luz da crítica marxista, considerando as demandas e significado da política social como estratégia de reprodução da força de trabalho.

Palavras-Chave: Assistência social; Acumulação capitalista; Política Social; Reprodução da força de trabalho.

Mesa Coordenada 28. Raça, gênero e classe no pré-capitalismo

Coordenador: Fábio Frizzo

Raça, gênero, classe e resistência na Núbia durante o Reino Novo egípcio (1550-1070 a.C.)

Fábio Frizzo (UFTM)

Rennan Lemos (Cambridge University)

Resumo

Até recentemente, a literatura especializada na Núbia do Reino Novo (1550-1070 a.C.) enfatizava a egípcianização das populações núbias, isto é, a adoção, quase que completa, de práticas culturais egípcias por tais populações. Nuanças desse tipo de abordagem incluíam identificar focos de resistência especialmente por parte dos chefes núbios, que escolheriam se egípcianizar como forma de obter, entre outras coisas, poder e prestígio. Hoje em dia, pelo contrário, novas pesquisas e escavações no Sudão, em sítios que datam do Reino Novo, estão revelando interações mais complexas entre as culturas egípcias e núbias no cotidiano dessas populações. Tais interações materializavam-se, entre outros tipos de objetos, em potes e pratos associados aos atos de armazenar, preparar e servir comida encontrados em sítios urbanos, sobretudo na Alta Núbia. Este artigo busca analisar as interações entre egípcios e núbios com base na coleção cerâmica produzida por escavações em diferentes sítios do Sudão e em dados bioarqueológicos relativos à dieta dessas populações à luz de uma teoria da consubstancialidade das relações de gênero, raça e classe. O objetivo é demonstrar como práticas culturais tão enraizadas como preparar, servir e consumir alimentos são difíceis de serem modificadas e guardam, portanto, um potencial de resistência cultural frente à imposição imperial de determinados costumes.

Mulheres, classe e casta: aspectos da condição feminina na Índia medieval (séculos XIII-XVII)

Luiza Tonon da Silva (UERJ)

Resumo

Ainda que nas últimas décadas olhares mais atentos às mulheres na história tenham sido dados, por vezes, muito ainda há para ser abordado a respeito das mulheres que não pertenciam à classe dominante de suas sociedades - escravas, artistas, trabalhadoras no campo ou nas cidades. Para o caso da Índia Medieval, período histórico repleto de discussões que frequentemente dizem respeito aos conflitos presente, essa lacuna aos poucos se preenche, a se notar a presença na história dessas que muitas vezes não se enquadravam no modelo idealmente pensado e representado de "ser mulher" para o período. Entende-se, neste presente trabalho, que a condição social feminina não pode ser pensada de modo desvinculado à classe social, e também à casta e religião, para refletir acerca das mulheres no medievo indiano e suas diferentes realidades, como ao se pensar mulheres e a prática do Sati, as devadasi e as relações com templos hindus, e as escravizadas nas cortes, por exemplo. Nesse sentido, utiliza-se de relatos de viajantes, manuscritos, iconografia e literatura da época como fontes históricas para a compreensão, mesmo que de modo inicial, de algumas que por muito foram relegadas a um véu de invisibilidade e a um silêncio da história.

Adulterio, gênero e patriarcado na Roma Antiga

Sarah F. L. Azevedo (USP)

Resumo

A partir do tema da criminalização do adultério feminino, apresentaremos algumas questões do debate conceitual em torno do termo 'patriarcado', principalmente aquelas debatidas por Engels e autoras marxistas do século XX. O contexto patriarcal romano da época augustana será discutido com objetivo de apontar especificidades históricas de realidades distintas que se dialogam. Neste sentido, elementos do Direito Romano e do Direito Penal Brasileiro são analisados para uma breve discussão sobre violência contra a mulher e feminicídio.

Mesa Coordenada 29. Debates sobre pré-capitalismo

Coordenador: José Ernesto Moura Knust

O problema da ideologia do progresso na historiografia marxista sobre a alvorada do capitalismo: os pontos cegos e a perspectiva frankfurtiana

Pedro Rocha de Oliveira (UNIRIO)

Resumo

Através de uma análise de obras de Robert Brenner, Christopher Hill, Andy Wood e Neal Wood, propomos caracterizar, dentro da historiografia marxista a respeito da alvorada do capitalismo, uma corrente de pensamento que, focada no potencial dialético intrínseco à civilização burguesa, efetivamente adota para a construção do seu discurso sobre a história um ponto de vista simpático ao processo de modernização e, por isso impregnado dos valores das elites responsáveis pela perpetração da acumulação primitiva. Mostramos como esse ponto de vista – que é, afinal, de classe – implica uma consideração parcial das fontes, com consequências sérias para a apreciação do significado histórico das rebeliões populares do século XVI. Sugerimos que uma perspectiva historiográfica diferente é encontrada na obra de Peter Linebaugh e Michael Rediker, e apontamos certas afinidades entre essa obra e a concepção do desenvolvimento civilizacional moderno contido na Dialética do Esclarecimento de Adorno e Horkheimer, segundo a qual a violência intrínseca da socialização capitalista, ao invés de ser o avesso dialético, é a expressão direta das ideias modernas “progressistas”.

Mulheres escravas em posições de chefia na economia rural romana

José Ernesto Moura Knust (IFF, Campus Macaé)

Resumo

As melhores fontes que temos para estudar a economia das propriedades rurais da classe dominante romana, os tratados sobre o campo de Catão, Varrão e Columella, dão grande peso às hierarquias quando tratam dos trabalhadores, sobretudo quando especificam que se referem a trabalhadores escravizados. Entre as figuras em posição de chefia que aparecem nestes tratados, encontra-se uma posição especificamente feminina, a uilica. De maneira geral, esta figura recebeu pouca atenção da historiografia, sendo considerada uma posição relacional determinada pela figura do uilicus, essa sim central nas análises tradicionais sobre a economia rural romana. Nesta perspectiva, a uilica não seria nada mais que a esposa do uilicus. Os estudos da historiadora austríaca Ulrike Roth, porém, colocaram convicentemente esta premissa abaixo. Este texto busca apresentar esse debate e fazer considerações a partir do estabelecido pela pesquisa de Roth.

A controvérsia acerca dos modos de produção na América Latina e o debate Frank-Laclau

Luccas Gissoni (Professor/Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza; Mestrando Economia Política Mundial/UFABC)

Resumo

A questão dos modos de produção na América Latina colonial foi um dos debates mais importantes do pensamento marxista do século XX. De um lado, havia a posição que propugnava a existência de um passado feudal, e, de outro, aquela que via uma espécie colonial de capitalismo. O texto discute rapidamente as interpretações propostas por Guimarães e Sodré, representantes da tese "feudalista", para então trazer à baila a posição de Frank, que tece críticas profundas àquela. Em seguida, discute-se a proposta de Laclau, que se apresenta como uma síntese. Especula-se, contudo, que essa suposta síntese já estaria na obra de Sodré; sugere-se o desenvolvimento dessa hipótese para pesquisas futuras, bem como sua relação com debates mais recentes no âmbito da teoria da reprodução social.

Mesa Coordenada 30. Feminismo e marxismo: teorias e desafios no capitalismo contemporâneo

Coordenador: Lívia de Cássia Godoi Moraes

Feminismo e marxismo: contribuições para o debate por Hartmann, Young e Arruzza

Lívia de Cássia Godoi Moraes (UFES)

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar as proposições a respeito de proximidades e distanciamentos de marxismo e feminismo pelas autoras Heidi Hartmann (1983 [1975-1977]), Iris Young (1992 [1981]) e Cinzia Arruzza (2010) a partir, especialmente das relações entre capitalismo e patriarcado; produção e reprodução; e sexo/gênero e classe. Limites e avanços das referidas publicações são analisados, a fim de contribuir teórica e politicamente nessa relação.

Trabalho reprodutivo e bem comum: entre a luta contra a exploração e a urgência de barrar mercantilização da vida

Tainã Góis (Faculdade de Direito/USP)

Resumo

Tendo como ponto de partida a degradação do tecido social promovida pelo capitalismo, e como mote de análise as condições de produção e reprodução social vividas nos últimos anos na América Latina pela dissolução dos elementos legais de proteção social, o presente trabalho busca retomar a discussão do feminismo marxista em torno da divisão social e de gênero do trabalho, de forma a buscar um conceito de trabalho reprodutivo que transcenda uma determinação alocada no indivíduo trabalhador identificado com determinado gênero, e passe a servir de instrumento para análise das relações sociais coletivas. Analisando os trabalhos de autoras feministas marxistas, este artigo se pretende a partir da análise do trabalho reprodutivo de forma a colocar a questão da reprodução social como centro de análise das contradições sociais impostas pelo neoliberalismo, fundamentalmente neste trabalho como eixo de aprofundamento da atomização. Partindo da análise do conceito de trabalho conforme historicamente determinado, o aporte das teorias feministas marxistas apresenta um caminho de desembaraço entre o trabalho entendido ontologicamente e a sua redução, como trabalho assalariado, no sistema capitalista, em busca de instrumentos teóricos que encontre em espaços não mercantilizados potência revolucionária que auxilie na visualização de saídas para o labirinto neoliberal.

Capítulos do feminismo marxista

Giovanna Henrique Marcelino (USP)

Resumo

Nos últimos anos, diversos países têm presenciado um crescimento significativo do feminismo, endossando a hipótese levantada por teóricas e ativistas a respeito da emergência de uma “nova onda” deste movimento. Desde 2017, em particular, as lutas encabeçadas por feministas indicam que se trata de um dos poucos movimentos sociais que apresenta hoje capacidade de articulação a nível internacional, frequentemente polarizando as discussões políticas nos âmbitos nacionais, sobretudo em governos de extrema-direita.

Este artigo pretende se ater a apreciação de uma das linhagens do pensamento e prática feminista que tem se destacado neste novo cenário de ascenso: o feminismo marxista. Mais especificamente, pretende-se trabalhar com a ideia de que, com a crise capitalista iniciada em 2008, foi aberto um novo capítulo de sua história. Para isso, será feita uma breve recuperação (em termos históricos e teóricos) das relações entre feminismo e a tradição marxista e socialista, dos momentos iniciais das elaborações feitas a partir do contato com a obra de Marx e Engels até a formulação recente sobre o “feminismo para os 99%”.

Espera-se, com isso, contribuir para a compreensão sobre o fenômeno de crescimento do feminismo nos últimos anos e o lugar e papel das ideias marxistas no interior deste. Além disso, será trabalhada a hipótese de que o

movimento feminista mais uma vez se apresenta como um locus importante de renovação do marxismo, e no qual a reconexão de suas dimensões constitutivas – teoria e prática – tem se mostrado possível.

Patriarcado, capitalismo e alienação: apontamentos

Marina Paes Maurício Muniz (UFRN)

Carla Cristina Fernandes Barbosa (UFF)

Derik Melchior (UFF)

Tadeu Mattos Farias (UFRN)

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar elementos que indiquem a relevância da teoria da alienação de Marx, aliada à discussão de seu método, como armas teóricas para se pensar o feminismo enquanto luta pela emancipação humana. Partindo da reinterpretação de Marx que reivindica a centralidade da categoria alienação na obra do autor, busca-se discutir o machismo estrutural e a sociedade patriarcal como necessidade inerente à lógica de auto expansão do valor, uma vez que aprofunda a alienação do trabalhador no gênero feminino. Entende-se, portanto, que a luta feminista é a luta pela emancipação de todo o gênero humano e que para superar essa lógica patriarcal e capitalista é necessário romper com a alienação do trabalho.

Mesa Coordenada 31. Mulheres em luta: organização e liderança política feminina em movimentos sociais

Coordenador: Tania Mittelman

As questões das mulheres no Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região (Sinpro-Rio) nas décadas de 1980 e 1990

Tania Mittelman (Colégio Pedro II)

Resumo

Neste trabalho, procuramos identificar as semelhanças e diferenças entre a trajetória vivida pelo núcleo das mulheres do Sinpro-Rio, as reivindicações das diferentes tendências do movimento feminista e o processo histórico ocorrido em outros sindicatos do país, ao longo das décadas de 1980 e 1990. Além das mulheres serem maioria dos/as docentes representados pelo Sinpro-Rio, as referências nas fontes de pesquisa consultadas a um núcleo feminino atuante no sindicato, nos anos de 1980, e à Comissão das Questões da Mulher, organizada em 1997, impuseram a necessidade de investigar o tratamento conferido pela entidade às questões de gênero e das mulheres. Apresentamos várias convergências entre a atuação da Comissão das Mulheres do Sinpro, as correntes do movimento feminino e a trajetória de outros sindicatos, tais como: a exclusão das diretoras dos sindicatos da participação em momentos politicamente relevantes das entidades, como de negociação com o setor patronal; o uso dos jornais do sindicato para denúncia das discriminações sofridas pelas mulheres trabalhadoras; a reivindicação de creches para os/as filhos/as das trabalhadoras; os debates da década de 1980 sobre valorizar as lutas econômico-sociais e/ou estritamente culturais; na década de 1990, marcada pela conjuntura desfavorável aos trabalhadores e sindicatos, a dificuldade de ampliar as cláusulas sociais favoráveis às mulheres, como o aumento do tempo da licença maternidade. Por outro lado, notamos que no auge da luta das mulheres pela incorporação de direitos durante a Assembleia Nacional Constituinte, entre 1986 e 1988, o Sinpro-Rio não se manifestou a esse respeito.

As damas do império invisível: as mulheres na Ku Klux Klan nos anos 20

Bárbara Aragon (UFF)

Resumo

Nesta comunicação procuro investigar o papel das mulheres na organização segregacionista Ku Klux Klan no recorte temporal de 1920. Tal recorte se dá por chamar a atenção a existência de um ramo exclusivamente feminino da KKK e ter se aproximado do movimento feminista sufragista da época. Partirei, então, da análise do papel dessas mulheres dentro do Klan, da dinâmica própria do ramo feminino e refletir acerca da aproximação com o movimento sufragista.

Transexualidade e emprego: uma análise da inclusão no setor de telemarketing

Andrea Kakitani Carbone (USP)

Resumo

Nesse artigo é investigada a racionalização produtiva e as relações sociais dela decorrentes a partir do caso emblemático do telemarketing. A organização do trabalho, o acentuado uso da tecnologia e as formas de controle impostas no ramo visam o aumento da produtividade, mas inevitavelmente causam impactos aos operadores. Dentro dessa lógica, por meio de pesquisa de caráter qualitativo, estuda-se um grupo social específico – o de pessoas transexuais – inserido no trabalho das centrais de atendimento e submetido às novas relações de trabalho. A exclusão social vivenciada por transexuais contrapõe-se à inclusão no setor de telemarketing.

Palavras chave: transexualidade – telemarketing – call center.

Trajetória de luta: organização das pautas das mulheres no MST

Ohana de Alencar Pageú (UFC)

Resumo

A organização e participação das mulheres no movimento social no campo brasileiro estão ligadas a uma série de processos sociais, econômicos e culturais que tiveram um poder decisivo sobre a sua forma de organização e suas pautas específicas. Em um contexto de modernização conservadora, na segunda metade do século XX, com uma reestruturação territorial excludente que modificou as relações de trabalho no campo e aprofundou a concentração fundiária e exploração, tivemos uma reorganização do movimento social com a criação do MST e o surgimento de novos sujeitos nos espaços políticos de forma organizada: as mulheres. A incorporação de suas pautas específicas no MST é uma trajetória de luta pela desconstrução das relações desiguais de sexo/gênero, que naturaliza e divide os lugares de trabalho entre a esfera privada (ambiente doméstico) e pública (trabalho produtivo e ambiente político); em paralelo, a luta contra a estrutura fundiária excludente. Nesse sentido, buscou-se analisar as disputas políticas no âmbito interno do movimento, pela construção dos espaços autônomos de mulheres. E no âmbito externo da política, contra o modelo produtivo e de relações sociais. Localizando, assim, a trajetória de luta pela incorporação das pautas das mulheres no MST e a importância dessa incorporação para a construção da luta coletiva dos trabalhadores e trabalhadoras, por um projeto de reforma agrária.

Mesa Coordenada 32. Capitalismo, reprodução social e superexploração feminina

Coordenador: Leticia Galan Garducci

Apontamentos sobre a reprodução da classe no capitalismo dependente: da crítica feminista à superexploração do trabalho

Elisabeth Zorgetz (Programa de Pós-Graduação em Economia Regional e Políticas Públicas/UDESC)

Resumo

Este trabalho busca reunir brevemente a literatura feminista marxista a respeito da reprodução social e doméstica de encontro ao debate existente sobre a categoria superexploração do trabalho, através da Teoria Marxista da Dependência. Partindo do texto marxiano e seu método, se busca, a princípio, revigorar a discussão sobre a própria reprodução da força de trabalho diante das críticas feministas, para então desdobrar os níveis de apreensão até a condição das mulheres e classe no capitalismo periférico. Deste trabalho introdutório foi possível depreender como as condições de exploração numa estrutura dependente inserem as trabalhadoras no contrato sexual da esfera doméstica de forma ainda mais consistente, estabelecendo que as mulheres ainda sejam os sujeitos responsáveis por um trabalho invisível, subvalorizado e historicamente determinado para a esfera produtiva e reprodução total do capitalismo.

Mulheres, capitalismo e forma jurídica: apontamentos iniciais a partir de Silvia Federici

Leticia Galan Garducci (UERJ)

Resumo

O presente artigo pretende delinear contribuições teóricas sobre a relação entre a questão de gênero e o direito através do método materialista histórico dialético. Para tanto, as principais categorias de análise a serem utilizadas são a forma que assume o trabalho reprodutivo no capitalismo – o que será visto a partir da obra da filósofa italiana de Silvia Federici – e a forma jurídica de matriz pachukaniana. A partir disso pretende-se melhor compreender a questão da mulher enquanto sujeito de direito.

Una crítica a las reivindicaciones feministas dentro de la lógica del capital

Angelica Flores Solares (Universidad Autónoma Metropolitana)

Sibyl Italia Pineda Salazar (Universidad Autónoma Metropolitana)

Resumo

La historia ha sido testigo de las constantes luchas que las mujeres han emprendido en la búsqueda de la igualdad de derechos y del cambio social; luchas que han encontrado en el proceso de incorporación de las mujeres al mundo del trabajo un espacio fértil para promover sus objetivos. Estas luchas, sin embargo, son limitadas, pues se desenvuelven dentro de una lógica capitalista que, por naturaleza, es desigual y enajenante.

En ese sentido, el objetivo de este documento será analizar la forma particular que asume la incorporación de las mujeres al trabajo, utilizando como base la historia de las olas feministas, así como la teoría de Marx sobre la particularidad del trabajo dentro del capital. Este análisis permite explicar la razón por la que las mujeres son doblemente explotadas y enajenadas, en las esferas productivas, reproductivas e ideológicas. Asimismo, permite presentar una crítica a los movimientos feministas que buscan la reivindicación de las mujeres dentro de esta lógica. El artículo se presenta en tres secciones. En la primera, se discute el vínculo que existe entre las relaciones capitalistas, el patriarcado y las olas feministas, y la manera en la que éstas últimas se ajustan a los momentos de auge y crisis del capital. En la segunda, se presenta la teoría de Marx y la forma enajenante que toma el trabajo dentro de la lógica capitalista. Finalmente, se analizan las características particulares del trabajo de las mujeres como una crítica a los objetivos de igualdad que promueven las luchas feministas.

Mesa Coordenada 33. Raça e classe: desafios teóricos e apontamentos sobre a realidade brasileira

Coordenador: Gustavo Fagundes

Breve trajetória do racismo brasileiro: a dialética da opressão racial

Gustavo Fagundes (UFRJ)

Resumo

O trabalho visa expor como o racismo se expressa das mais variadas formas no cotidiano da população negra no Brasil. É ressaltado o papel central do modelo econômico escravagista no desenvolvimento do capitalismo em nível mundial e também no Brasil. Aborda o papel dos intelectuais na elaboração e difusão das teorias racistas nas primeiras décadas do século XX, principalmente a partir do pensamento de Gilberto Freyre e sua teoria do mito da democracia racial. Parte do pressuposto do enraizamento dessa ideologia ao longo do processo de formação social brasileira, além de expor as características da essência e aparência do racismo brasileiro.

Intelectuais marxistas e a questão racial: uma relação mais que necessária nos nossos dias

Mário Luiz de Souza (CEFET-RJ)

Resumo

Fazendo uso do pensamento de Antônio Gramsci, esse artigo tem por objetivo demonstrar que diante do predomínio do pensamento pós-moderno e neoliberal na condução da forma de luta de setores do Movimento Negro, tornasse fundamental que os intelectuais marxistas critiquem esse processo mas que também proponham uma abordagem sobre a questão racial tendo como enfoque a relação raça e classe, na qual essas duas determinações sejam trabalhadas tanto nas suas especificidades quanto nos seus aspectos relacionais, como forma para se entender os problemas da população negra na atual fase do capitalismo brasileiro. Para isso, a postura economicista, que prevaleceu entre partidos de esquerda e intelectuais marxistas, salvo raras exceções como Florestan Fernandes e Octávio Ianni, que subsumia a questão racial a questão de classe, sustentando que os problemas da população negra só seriam resolvidos quando fossem equacionados os problemas de classe, deve ser definitivamente abandonada.

O contrário de casa grande não é senzala. É quilombo! A categoria práxis negra no pensamento social de Clóvis Moura

Ana Paula Procopio (UERJ)

Resumo

O trabalho apresenta os resultados da pesquisa sobre o pensamento social do sociólogo e historiador Clóvis Moura (1925-2003) cuja trajetória pessoal e política articula-se aos seus esforços metodológicos para demonstrar a dinâmica da história em termos das suas forças sociais e assim contribuir para a transformação da sociedade. Identifica e analisa a apropriação do método dialético e da teoria marxista no desenvolvimento de suas teses sobre as resistências negras no escravismo e pós-abolição como estruturantes da dinâmica entre relações raciais e classes sociais no Brasil. E aponta que as mediações realizadas a partir das categorias totalidade, modo de produção, dialética, alienação, contradição e práxis derivaram em uma categoria nova que abrange as particularidades sócio-históricas brasileiras, a práxis negra.

A questão étnico-racial e o serviço social: por que pensar uma formação profissional antirracista?

Giselle Moraes de Souza (UFRJ)

Isabel Cristina Lopes Barbosa (UFRJ)

Resumo

Este trabalho consiste em breve análise sobre as relações raciais na formação histórica brasileira, a produção acerca da questão étnico-racial no Serviço Social, bem como no exame da imprescindibilidade do debate da questão étnico-

racial e das relações raciais no Brasil na formação acadêmica desta categoria profissional. Este estudo teve como campo de pesquisa a Escola de Serviço Social da UFRJ, uma das principais instituições de ensino, pesquisa e extensão da área no país. Para isto, apontamos um balanço inicial das discussões étnico-raciais no campo do Serviço Social, contribuindo com as pesquisas que vêm sendo produzidas nas últimas duas décadas. Temos como conclusão preliminar que a questão étnico-racial aparece como um apêndice praticamente invisível historicamente em algumas disciplinas do currículo pleno da ESS/UFRJ, mas torna-se imprescindível a inclusão de disciplina obrigatória que trate da questão no currículo pleno do curso da referida universidade.

Mesa Coordenada 35. Migrações e opressões

Coordenador: Célia Regina Vendramini

The Work of Immigration: Social Reproduction, Race, and Socialist Feminism in the 21st Century

Ashley J Bohrer (University of Notre Dame)

Resumo

One of the most helpful and widely known concepts of socialist feminism is 'social reproduction.' Most often, theorists use 'social reproduction' to discuss a wide variety of unpaid and/or unrecognized labor that is necessary to reproduce the working class; cooking, cleaning, child-bearing, child-rearing, elder care. It is common to link these practices to the specific position of racialized and immigrant women, who disproportionately provide these services and who are exposed to both exploitation and oppression in performing them. However, many social reproduction texts gesture toward another level at which social reproduction is racialized: immigration. While it was common in earlier waves of social reproduction to focus on the work of child-bearing and child-rearing as the paradigmatic form of working class generational replacement, many contemporary social reproduction texts -- like Lise Vogel's landmark (2014) work, Tithi Bhattacharya's (2016) edited collection on the subject, and Sara Farris' (2017) work on Muslim women migrants -- note that contemporary generational replacement of the working class is increasingly structured, at least in the Global North, through immigration. The working class is partially replaced in and through migration and immigration, not only through its own gestational reproduction. While this insight is present in many social reproduction texts, its significance is radically underdeveloped, amounting to no more than a mere mention in any of these texts and lacking any sustained treatment. This paper probes deeply into this question, arguing that, from a socialist feminist perspective, one should treat immigration itself as a form of socially reproductive labor.

Rosa Luxemburgo: 100 anos depois, contribuições metodológicas às lutas políticas contra opressões

Maria Lucia Cunha Lopes de Oliveira (UFF)

Resumo

Este trabalho mostra contribuições de Rosa Luxemburgo ao legado marxista, destacando elementos que nos ajudem no exame crítico de relações entre imperialismo(s), nacionalismo(s) e migrações na contemporaneidade. Para isso é importante considerarmos o contexto histórico em que brotaram suas ações e pensamento, observando limites conceituais relacionados ao tempo e espaços de suas lutas políticas. A abordagem teórica é interdisciplinar, trazendo reflexões de Rosa, no âmbito teórico do materialismo histórico dialético, contribuições da Geografia Política e da Sociologia, sinalizando como esse diálogo possa fundamentar ações no sentido da criação de uma sociedade igualitária e livre de opressões. A ênfase é posta no método adotado e defendido por Rosa no exercício pleno da filosofia da práxis, ou seja, o constante, indispensável diálogo ente ação e reflexão, práticas e teorias, método cuja importância acentua-se no enfrentamento de desafios políticos, sociais e educacionais do presente.

Palavras-chave: práxis, luta política, socialismo.

As migrações diante dos processos históricos e atuais de expropriação

Célia Regina Vendramini (UFSC)

Sofia Andrade (UFSC)

Resumo

O artigo aborda as razões do fenômeno da migração e seu crescimento na atualidade, com base nos processos históricos e atuais de expropriação associados à exploração da classe trabalhadora, os quais levam ao desenraizamento do indivíduo convertido em mercadoria. Tem como foco os trabalhadores migrantes e sua total disponibilidade para o capital, enquanto população supérflua, nos termos de Marx. Apresenta ainda alguns elementos iniciais de enfrentamento das opressões.

Mesa Coordenada 36. Direito e marxismo: facetas jurídicas do capital no mundo contemporâneo

Coordenador: João Paulo de Faria Santos

Superando a forma jurídica da mercadoria a partir da obra de Petr Stucka

João Paulo de Faria Santos (USP)

Resumo

A teoria jurídica marxista tem se baseado em uma dupla crítica do Direito. Por um lado, um falseamento da realidade; por outro, a crítica da própria forma jurídica adotada pela burguesia na implementação do Estado Moderno, vendo-a como reflexo fundante do modo de produção capitalista. Propomos a análise dessas críticas e ainda a apresentação de vertentes marxistas propositivas que apontem possibilidades emancipatórias do Direito para além da forma jurídica da mercadoria, em especial o estudo de Petr Stucka, que reduz a teoria pachukaniana a formas historicamente hegemônicas e, por isso, quase absolutas em determinadas épocas, de como o Direito era pensado, desde Roma. Mas Stucka aponta também para formas simplificadoras e desmistificadas, que enunciem o caráter de classe do Direito e, exatamente por isso, possam construir formas jurídicas diferentes das estabelecidas na modernidade burguesa. Tais possibilidades foram tentadas de forma ousada, inclusive pelo próprio Stucka, no experimentalismo soviético (1917-1924), mas não são por ele inauguradas: dessa forma, perseguiremos, à guisa de conclusão, as fontes inspiradoras de superação da forma jurídica, ainda na Alemanha Bismarckiana, especialmente os escritos de Lorenz Von Stein, ou mesmo nas primeiras obras de Karl Renner e nos debates constitucionais da República de Weimar, que enunciam teorias diversas sobre o Direito público e a função social do Direito como um todo.

Barbárie e forma jurídica do capital. Sobre a intervenção federal na área da segurança pública do estado do Rio de Janeiro

Fernanda Cavalcanti Costa (UFF)

Resumo

O presente trabalho analisa como o emprego de instrumentos jurídicos de exceção no âmbito do estado capitalista, sobretudo a intervenção federal realizada no estado do Rio de Janeiro no ano de 2018, não representa um rompimento com o estado de direito, mas sim uma forma jurídica de gestão da barbárie que destrói, de tempos em tempos, as forças produtivas a fim de viabilizar a continuidade da expansão do valor. Diante da irreversibilidade cada vez mais concreta da destruição da humanidade pelo capital, sustenta-se, com arrimo na crítica de Moishe Postone ao trabalho, a construção de uma sociabilidade que se liberte do totalitarismo do valor.

Criminologia dialética e radical em revista: comentários a dois marcos da criminologia marxista brasileira

André Vaz (UERJ)

Resumo

Este artigo tem por objeto a revisão de duas obras clássicas da criminologia crítica brasileira filiadas à tradição marxista: Criminologia Radical, de Juarez Cirino dos Santos, e Criminologia Dialética, de Roberto Lyra Filho. A justificativa da empreitada deve-se à constatação de encontrar-se a criminologia marxista em relativo ostracismo, por ter perdido, no último meio século, espaço para teorias pós-modernas ou ecléticas no campo da criminologia crítica. Assumida a premissa de que o marxismo ainda tem muito a oferecer teórica e praticamente na tarefa de emancipação humana, contribuir para sua renovação — o que constitui objetivo deste trabalho — exige um retorno crítico às teorizações mais representativas da tradição. Em termos metodológicos, realiza-se um cotejo entre as referidas obras e a teorização do próprio Marx, além de desenvolvimentos que se consideram fiéis ao pensamento original do filósofo. Com isso, ao fim poderá ser testada a hipótese de que os livros de Lyra e Cirino ainda se revelam marcos importantes para a revitalização da criminologia marxista e, no caso do teste positivo, ser demonstrada a medida de mencionada importância.

Complexo industrial presional: sintoma da pena no atual capitalismo

Daniel Henrique da Mota Ferreira (IESP - UERJ)

Resumo

O presente trabalho procura discutir qual seria a real função da prisão privada enquanto política pública no atual capitalismo brasileiro. Após considerações sobre a fragilidade de tal política, procuramos compreender qual poderia ser os ganhos conjuntos das políticas de PPP prisional de Ribeirão das Neves e as APACs, tendo como ponto de partida as modificações no capitalismo contemporâneo. Para tanto, primeiro, relacionamos a crítica da teoria das penas, unindo-as à interpretação do Estado na teoria marxista de Poulantzas e Gramsci. Após, tecemos breves considerações sobre a história da pena, cotejando as reflexões foucaultianas com o marxismo. Por fim, consideramos o Complexo industrial Prisional como a constante no neoliberalismo e procuramos observar como é essa mesma política que está sendo implementada pelas formas de privatização de presídio no Brasil.

Mesa Coordenada 37. Estado, capital e trabalho no contexto da (contra)reforma trabalhista

Coordenador: Lisia Nicolliello Cariello

Classe, Estado e capital-imperialismo: instrumentos para entender o tempo presente

Lisia Cariello (UFF)

Resumo

Este trabalho visa recuperar alguns importantes teóricos marxistas para instrumentalizar a análise do tempo presente. Partindo do debate acerca da categoria “classe” (e seu par dialético “luta de classe”), passando pela compreensão conceitual de Estado e sociedade civil de Hobbes, Locke, Marx e Gramsci, chegar-se-á à tentativa de apreender a fase do capitalismo que se iniciou depois da crise dos anos 1970. Objetiva-se destacar suas permanências e mudanças, estas principalmente no que concerne à dominação estadunidense e à organização das elites transnacionais.

Contribuições da teoria materialista para a compreensão e erradicação da exploração de mão de obra infanto-juvenil no comércio varejista de substâncias psicoativas tornadas ilícitas

Alessandra Kelly Vieira (UFMG)

Vanessa Andrade de Barros (UFMG)

Resumo

O trabalho em tela tem o objetivo de apresentar contribuições da teoria materialista para a compreensão e erradicação da exploração de mão de obra infanto-juvenil no comércio varejista de substâncias psicoativas tornadas ilícitas. Para isto, parte das perspectivas da Criminologia Crítica e Psicologia Social Crítica do Trabalho, ambas fundamentadas em teses materialistas. Tais perspectivas trazem colaborações para a superação do paradigma hegemônico de interpretação da questão criminal, que tradicionalmente possui adesão privilegiada às visões individualizantes dos sujeitos criminalizados, as quais legitimam o poder punitivo do Estado e desconsideram os mecanismos subjacentes aos processos de criminalização.

O impacto da reforma trabalhista sobre o movimento sindical em transformação

Flavia Ferreira Ribeiro (UNICAMP)

Resumo

O artigo analisa os impactos da reforma trabalhista brasileira sobre os sindicatos no país, implementada em um contexto já notadamente marcado por mudanças no movimento sindical a nível internacional. Em 2017, o governo brasileiro sancionou a reforma que altera substancialmente o marco legal institucional das relações de trabalho no país. As medidas implementadas pela reforma precarizam não só as condições de trabalho e contratação, como também fragilizam os sindicatos já notadamente impactados pelas modificações no movimento sindical, não só no Brasil, mas a nível internacional. O chamado refluxo do sindicalismo foi intensamente debatido, a partir da década de 1970, pelas ciências sociais na área do trabalho que observavam especialmente a diminuição das taxas de sindicalização e da atividade grevista. A primeira parte do artigo apresenta uma revisão bibliográfica dos principais pontos que marcaram o debate das modificações e da crise do movimento sindical nacional e internacional. Na segunda parte, problematiza o impacto da reforma sobre a organização sindical e as negociações coletivas no Brasil no cenário apresentado.

Propaganda governamental sobre a reforma trabalhista: estratégias de convencimento de uma proposta antipopular

Iris Carmen Pinheiro Rodrigues (UNIFAL)

Vanessa Tavares Dias (UNIFAL)

Resumo

Resumo: A presente pesquisa tem como objeto as propagandas governamentais sobre a Reforma Trabalhista, e seu objetivo é compreender o seu conteúdo ideológico particular. Foram escolhidas cinco propagandas publicadas pelo Governo Federal no microblog twitter. Para realizar a análise, utilizamos os conceitos de ideologia de Marx e Engels,

e de ideologia e hegemonia, de Gramsci. Como resultado preliminar, podemos afirmar que as propagandas formuladas pelo Executivo Federal destacam o papel do Estado em sentido “restrito” como produtor de ideologia, colocando em cheque as interpretações mecânicas da teoria de Gramsci, que separam a sociedade política da sociedade civil. Conclui-se que as ideologias dominantes são produzidas por diferentes agências e agentes, e são espalhadas de diferentes maneiras pelo tecido social. O discurso oficial, produzido pelas agências governamentais, ocupa um determinado lugar na disputa de narrativas no Estado em sentido ampliado. Não é possível avaliar, por ora, o seu impacto no processo de convencimento da sociedade sobre a Reforma Trabalhista, ou o papel na produção de hegemonia num sentido mais amplo; mas é possível afirmar que as contradições presentes nas narrativas oficiais contribuem para produção de ideias no interior do emaranhado de sentidos que formam o senso comum.

Palavras-chave: Reforma Trabalhista, Propaganda, Ideologia, Gramsci, Marx e Engels

Mesa Coordenada 38. Apropriações e disputas pelo espaço urbano

Coordenador: Laura Vieira B. de O. Lima

Cultura visual olímpica: os casos de Londres, Rio de Janeiro e Tóquio

Laura Vieira B. de O. Lima (Instituto de Planejamento Urbano e Regional/UFRJ)

Resumo

A realização dos Jogos Olímpicos e todas as transformações urbanas decorrentes têm dividido opiniões no contexto urbano. A vontade dos governos nacionais em sediar as Olimpíadas encontra contradições em sua execução, ressaltando desigualdades e provocando contestações por parte da população civil. Este trabalho pretende explorar os significados trazidos pela cultura visual ligada ao megaevento (encomendada e não encomendada) em três cidades-sede contemporâneas: Londres – 2012, Rio de Janeiro – 2016 e Tóquio – 2020. Observando a centralidade da dimensão visual na experiência urbana contemporânea, analisamos a produção de arte de rua no período de preparação e realização dos Jogos e seus significados na construção de uma identidade visual nas três cidades olímpicas a partir das categorias: visualidade olímpica, no que tange uma inserção competitiva no circuito de cidades-mercadoria, e contra-olímpica como contestação popular ao modelo de cidade-olímpica.

Escolas de samba do Rio de Janeiro: entre negação e consentimento

Michel Rosadas (Colégio Pedro II)

Resumo

As escolas de samba remetem a história do carnaval carioca como síntese de uma série de transformações e reinterpretções da cultura popular do Rio de Janeiro desde as primeiras décadas do século XX. Isso se deve às transformações histórico-espaciais ocasionadas pela nossa particular experiência de modernidade que ora se constituía. Partimos do pressuposto que essa invenção carnavalesca esteve e está inserida em uma realidade complexa e viva da formação social e cultural brasileira. O criador cultural é um sujeito histórico cuja liberdade de criação implica condicionamentos sociais e espaciais do seu tempo. Iremos defender a tese de que as escolas de samba são constituídas e atravessadas por ações das classes populares em conflito e negociação com as classes dominantes desde a fundação até os dias atuais. Com base no exposto reiteramos que o objetivo geral deste trabalho é analisar as escolas de samba como manifestação cultural popular resultante entre negação e consentimento das classes trabalhadoras frente ao projeto de sociedade e de cidade formulado pelas classes dominantes. Nesse sentido, para entendermos a cultura popular urbana brasileira e carioca entre os seus limites e possibilidades precisaremos recorrer à investigação da nossa revolução burguesa.

Palavras-chave: Escolas de samba; Produção; Rio de Janeiro; Negação; Consentimento.

A luta anticapitalista do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) no Rio de Janeiro

Mariana Andrade (UFRJ)

Maria Caroline da Silva Souza (UFRJ)

Resumo

No capitalismo o espaço da cidade tornou-se central para a produção de mais-valia e um campo de embate das classes sociais. Harvey (2014) aponta que a cidade e a qualidade de vida tornaram-se uma mercadoria para aqueles que podem pagar. Em decorrência da desigualdade no acesso à cidade, lutas tornam-se fundamentais para disputar esse espaço. Neste sentido, emergem diversos movimentos na luta pelo direito à cidade, entre estes o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). A partir do mapeamento das demandas, do perfil dos militantes do MTST nas cidades de Niterói e São Gonçalo, obtido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Favelas e Espaços Populares, e do estudo sobre a questão urbana, entende-se que é necessária e urgente uma Reforma Urbana com o objetivo de transformações no modo de organização das cidades. Haja vista que os lucros gerados por elas não são investidos nas reais necessidades da mesma. Nesse sentido, a Reforma Urbana torna-se necessária na luta contra o capital em favor dos trabalhadores que vivem em situações paupérrimas nos espaços periféricos. Baseado em

uma análise das atividades do MTST desde o seu surgimento, e o contato direto com o mesmo a datar do seu retorno ao Rio de Janeiro, pode-se perceber que a sua atuação vai além da luta por moradia.

Mesa Coordenada 39. Cultura material, imaginário e os desafios da esquerda

Coordenador: Adriano Parra

A disputa do imaginário e a esquerda: pela reconstrução de um imaginário revolucionário

Luan Cardoso Ferreira (UFF)

Edson Mendes Nunes Júnior (UNIRIO)

Resumo

Com o desmantelamento da União Soviética, a hegemonia do neoliberalismo contribuiu para a perda de uma perspectiva revolucionária por parte da esquerda. A predominância de demandas por reformas inclusivas no capitalismo, ao invés de sua superação, levou Dardot e Laval a chamarem de “neoliberalismo de esquerda” a posição que parece ter se consolidado enquanto hegemônica neste campo político na contemporaneidade. Partindo desse debate, propomos como objetivo do artigo investigar o que chamamos de crise no registro do “Imaginário” - conceituado por Jacques Lacan - da esquerda. Assim, discutimos este campo como um espaço de disputa, relacionando teorias psicanalítica e política - enfatizando as relações entre subjetividade, laços humanos e conflitos sociais. Para tanto, recorreremos às discussões teóricas de autores como Sigmund Freud, Karl Marx, Slavoj Zizek, Pierre Dardot e Christian Laval, apresentando o que consideramos como exemplos reais do uso político do Imaginário pela esquerda, tal como feito pelo Partido dos Panteras Negras nos Estados Unidos, com a produção cultural e cinematográfica na União Soviética e com a imagem de Che Guevara na Revolução Cubana. Apresentamos a hipótese de que a esquerda deixou de disputar o Imaginário, limitando-se à absorção de formas hegemônicas moldadas pelo interesse do capital e, por isso, passa por uma crise neste registro. Desta maneira, propomos que seja reconstruído, em união com a disputa nos campos Real e Simbólico, um “Imaginário Revolucionário” para auxiliar na tarefa de retomada de um sentido emancipatório na esquerda, visando romper com o capitalismo.

A formação da subesfera literária: um breve panorama histórico

Aline C. Ferreira (UNESP)

Resumo

O presente trabalho apresenta a formação da subesfera literária, isto é, demonstra, brevemente, o processo histórico da autonomização relativa da literatura com a consolidação do capitalismo. Para tanto é apontado o processo de divisão intelectual do trabalho que se intensifica especialmente na sociedade capitalista. Assim, demonstra-se como, a partir deste processo, a literatura passou de um sentido amplo (que englobava diversos tipos de escritos) para um significado restrito (referindo-se apenas aos escritos ficcionais). Com isso, justificamos por que utilizamos os termos esfera artística e subesfera literária para se referir a essa intensificação específica da divisão intelectual do trabalho. Além disso, apontamos a importância de se estudar tal processo de forma crítica, desvelando o surgimento de ideologias (falsas consciências) como consequência desse fenômeno (como a ideologia da “arte sublime”).

Para uma compreensão materialista da cultura: crítica à gnosologia formal das objetivações sociais

Adriano Parra (UFABC)

Resumo

Como tema de amplo debate, a cultura tem sido compreendida como um termo de carga semântica extremamente amplo e passível de interpretação e consensos intersubjetivos. Para áreas de investigação que se apropriam mais diretamente dessa querela, como a sociologia e a antropologia, a cultura ganha diferentes significações de aglutinação que vão desde a descrição funcional de institucionalidades, práticas e bens até sua ampliação para a significação dos costumes próprios do comportamento humano. Entretanto, a partir de uma leitura direta da textualidade marxiana e da compreensão de seu método de sucessivas aproximações às objetivações do mundo social é possível uma compreensão materialista da cultura e seus objetos que ultrapassa uma gnosologia lógico-formal em direção à processualidade histórica e, por isso, dialética de sua constituição.

Mesa Coordenada 40. Cultura e marxismo: reflexões teóricas, arte e indústria cultural

Coordenador: Bruno Borja

O capital e a cultura: elementos de economia política da cultura em Marx

Bruno Borja (UFRRJ)

Resumo

Embora Marx não tenha escrito nenhum trabalho específico sobre cultura, é possível vislumbrar em sua obra elementos de análise da cultura pela perspectiva da crítica da economia política. O ponto de partida é a diferenciação de duas dimensões específicas da cultura: a cultura enquanto modo de vida particular; e a cultura enquanto produção cultural. Em ambas a intenção é perceber as peculiaridades da cultura quando apropriada pelo capital. Neste sentido, percorro alguns de seus escritos para extrair deles os pontos de contato entre o capital e a cultura, isto é, como a relação social de produção dominante no modo de produção capitalista se coloca como determinante também para o campo da cultura. Por este caminho, busco apresentar alguns elementos de economia política da cultura em Marx.

A obra de arte em Marx: ontologia e ideologia nos escritos de juventude

Alexandre Irigiyen Vander Velden (UFF)

Resumo

Tanto Karl Marx como Friedrich Engels ao longo de seus estudos não propuseram uma teoria geral estética, nem se colocaram o compromisso de um estudo sistemático sobre a arte. Entretanto, ao longo de toda sua vida escreveram sobre literatura, teatro, entre outras manifestações artísticas, assim como buscaram compreender o significado social e humano presentes na arte. Partindo de seus escritos, variados autores propugnaram possíveis “estéticas marxistas”, muitas vezes com um acesso limitado a diversos escritos de Marx e Engels, um rico debate que se inicia ainda no final do século XIX e permanece atual. Esse trabalho busca contribuir a esse debate retomando as formulações presentes nos escritos de juventude de Marx e Engels – Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844 e A Ideologia Alemã – retomando, em especial, as formulações referentes ao valor ontológico e humano da arte, assim como o conceito de ideologia. No interior dos debates de juventude, visita-se também o embate desses autores com o “materialismo contemplativo” de Feuerbach e o “idealismo” de Hegel. Por fim, certo que a “estética marxista” não se resume apenas a essas questões, aponta-se ao longo desse trabalho, de maneira breve, em quais obras e em que termos Marx e Engels formulam e localizam a arte.

Adorno e o novo milênio: notas sobre a indústria cultural e capitalismo de plataforma

Bruna Della Torre (USP)

Resumo

Uma das maneiras de se ler o conceito de “indústria cultural” formulado na década de 1940 por Adorno e Horkheimer é entendê-lo como um sistema social composto a partir da fusão entre economia, cultura e tecnologia. Lido dessa forma, o conceito pode ser utilizado para compreender a nova fisionomia do “capitalismo de plataforma” contemporâneo, tendo em vista a fusão entre tempo livre e tempo de trabalho promovida pelas novas tecnologias digitais e pelas tendências de “uberização” do trabalho. Trata-se de sugerir uma leitura alargada do conceito de indústria cultural desenvolvido por Adorno, com o fito de introduzir a bibliografia atual referente ao chamado “capitalismo de plataforma” (Trebor Scholz, Nick Srnicek e Sandro Mezzadra) e de discutir como uma fusão entre a teoria crítica e a sociologia do trabalho pode auxiliar a compreensão da nova configuração do capitalismo.

Alguns apontamentos sobre o processo de superação da vida cotidiana e a interação entre a arte e o cotidiano em György Lukács

Petrus Alves Freitas (UFF)

Resumo

A vinculação entre vida cotidiana e o pensamento cotidiano e as formas superiores de objetivação, os reflexos científicos e estéticos, nos foi apresentada por György Lukács em sua investigação sobre a estética. A diferenciação

precisa destes reflexos da realidade objetiva, contida na obra lukacsiana, evidencia uma necessidade da superação do cotidiano – tematização, aliás, que destacou a relevância do estudo do pensamento e comportamento cotidiano para a filosofia materialista – sem a qual não se explicitaria, ao menos não sem prejuízos, a interação entre o conhecimento cotidiano e os conhecimentos produzidos pela ciência e a pela arte. Todo conhecimento científico ou artístico tem como ponto de partida a cotidianidade, surge, portanto, para dar respostas às questões levantadas por esta esfera. Todavia, estes conhecimentos produzidos retornam à vida cotidiana tornando-a mais ampla, diversificada, enriquecida, profunda e complexa, elevando-a frequentemente a superiores níveis de desenvolvimento. Sustentamos que, mesmo que o processo de superação da vida cotidiana tenha sido notoriamente analisada por Lukács em seus escritos da estética materialista, encontramos ainda entendimentos destoantes sobre este processo, como os que o tratam como uma separação radical entre a prática cotidiana e a produção científica ou artística. Assim, este trabalho objetiva-se em tecer, muito brevemente, alguns apontamentos acerca do processo de superação dialética da vida cotidiana teorizado pelo filósofo magiar e, especialmente como esta contribuição teórica de Lukács se torna fundamental para o entendimento correto do comportamento e pensamento humano na realidade objetiva.

Mesa Coordenada 41. Trabalhadores e o fazer da cultura

Coordenador: Fernando Bustamante

Trabalho e trabalhadores na literatura, Brasil 1930-1960

Vanessa Rodrigues da Rosa (UFSC)

Vitor Santos (UFSC)

Adriano Lima Duarte (UFSC)

Resumo

O objetivo desse estudo é investigar como os mundos do trabalho aparecem na literatura escrita por trabalhadores. No próprio título já vai implícita uma questão teórica e metodológica importante: de modo geral, os trabalhadores no Brasil não se dedicam à literatura. Como é sabido, as camadas populares quando recorrem à literatura costumam fazê-lo por meio da música, da poesia musicada; mas raramente escrevem contos ou romances e, quando o fazem, as obras têm um cunho autobiográfico, de trajetória de vida. Desse modo, o estudo aponta para questões muito precisas: por que e em quais circunstâncias os trabalhadores se propõem a escrever? Por que, em condições específicas, consideram que a literatura seja um canal para expressar seus anseios?

Para um entendimento realista d'O engenheiro fidalgo D. Quixote de La Mancha

Álvaro Martins (UFF)

Resumo

Este trabalho constitui o produto de um estudo sobre apreciação teórica da obra mais conhecida de Miguel de Cervantes, e seu objetivo é formular uma base para uma interpretação marxista e realista desse romance. Para isso, em primeiro lugar, examinamos algumas correntes interpretativas importantes em circulação, apontando alguns de seus limites conforme os critérios dessa própria bibliografia. Na sequência apresentamos um referencial teórico literário a partir de obras de Antônio Cândido e György Lukács. Por fim, defendemos uma diretriz de interpretação a partir de Marx e da obra tardia de Lukács que procura não corromper o sentido original da obra e, ainda assim, tirar consequências importantes para a contemporaneidade.

O teatro dos trabalhadores nos EUA: da ligação com o movimento sindical ao Federal Theatre Project

Fernando Bustamante (USP)

Resumo

Este trabalho trata de alguns momentos de grande relevância para o teatro operário nos EUA nas primeiras décadas do século XX, tomando como ponto de partida a confluência entre intelectuais radicais e o ativismo sindical da IWW (Industrial Workers of the World) que resultou no marco da montagem teatral histórica de 1913 no Madison Square Garden. A década de 1920, com influências vindas do impressionante movimento artístico que ocorria na Alemanha e Rússia paralelamente aos processos revolucionários mais avançados da época, mostrou um florescimento sem precedentes do teatro organizado dos trabalhadores, colocando os EUA num patamar que nos anos 1930 chegaria a centenas de grupos ativos. Contudo, como pretendemos discutir, esse movimento estaria fortemente vinculado aos horizontes políticos das organizações operárias, principalmente a mais influente delas, o Partido Comunista dos EUA. A guinada deste rumo à política de Frente Popular adotada pela Comintern, e a consequente incorporação de grande parte dos artistas operários e de esquerda aos braços artísticos do New Deal de Roosevelt (o Federal Theatre Project, no caso do teatro) levou este movimento a um horizonte artístico e político que significaria sua decadência nos próximos anos.

Entre antíteses e paradoxos: a representação de mulheres em cartazes de propaganda soviéticos (1931-1945)

Thaiz Senna (UFF)

Resumo

O artigo em questão analisa os cartazes soviéticos em que aparecem mulheres e em que, direta ou indiretamente, perpassam a questão feminina. Costuramos a análise por meio da identificação de figuras de linguagem,

especificamente a antítese e o paradoxo, os quais permeiam a lógica utilizada pelos autores das obras e pelo sistema soviético. Essas duas chaves são entendidas não apenas existentes, como essenciais, portanto, ao êxito desse tipo de arte em um momento de autoritarismo e do realismo soviético. O período, por sua vez, vai de 1931, tomado como marco no que condiz à oclusão da liberdade na URSS, até 1945, último ano da Grande Guerra Patriótica. Usaremos, sobretudo, os cartazes como fontes históricas, compreender a relação entre Estado, sociedade e questão feminina, posto que entendendo-os como importante sinal das condições materiais daquele momento. Nossa hipótese, ainda em caráter inicial, versa sobre a proposital divergência entre arte e realidade, como forma de impor uma realidade a ser vivida, a partir da exposição de aspectos ideais mostrados como reais – caráter que reflete, por um lado, a tendência realista soviética e, por outro, o caráter autoritário do governo naquele momento.

Mesa Coordenada 42. Revolução e reorganização da vida social

Coordenador: Felipe Demier

The peasant question and the Russian Revolution: revisiting old orthodoxies

Paul Kellogg (Athabasca University)

Resumo

It has been axiomatic for scholars of the Russian Revolution to echo Lenin and call the Russia of the early 20th century “one of” or even “the most petit bourgeois of all capitalist countries.” This paper will argue that this view is mistaken. It is true that the Russian empire of the revolutionary period was only lightly urbanized, its three major cities – St. Petersburg, Moscow and Kiev – surrounded by tens of millions of agrarian peasants. However, the term “petit bourgeois” in historical materialism has a precise meaning, referencing “small capitalists” who are motivated by production for the market and capital accumulation. By contrast, the agrarian economy in much of Russia was organized, not on the market, but on subsistence. There were some, particularly in Ukraine, who fitted the petit-bourgeois definition – peasants organized in family farms, producing for the market. But in Russia proper, the vast majority of peasants were organized in the “commune”, a semi-feudal patriarchal institution which controlled land distribution, and was relatively immune to any pressures toward capital accumulation. This mistake in theory was of little consequence when the left was isolated and small. But when the left took power, after 1917, mistaken theory led to catastrophic practice –during the “War Communism” years of 1918 to 1921, and the terrible “war on the kulaks” of the 1930s which killed millions, and set back the agrarian economy for decades.

O estalinismo como uma forma de bonapartismo: Trotsky e o debate historiográfico recente

Felipe Demier (UERJ)

Henrique Canary (USP)

Resumo

Tal como Marx, Engels e Gramsci, Trotsky não chegou a produzir algum trabalho especificamente dedicado à natureza do fenômeno bonapartista em si. Entretanto, em função dos numerosos e sugestivos escritos em que teceu análises e comentários sobre as suas mais variadas manifestações concretas, Trotsky foi, dentre todos os autores marxistas do movimento operário, aquele que mais próximo chegou da elaboração de uma teoria do bonapartismo propriamente dita. O objetivo do presente trabalho é oferecer uma sintética apresentação das interpretações de Trotsky acerca de um tipo muito peculiar de bonapartismo, o bonapartismo estalinista, e, na sequência, de modo assaz breve, apontar alguns debates existentes na recente historiografia marxista que se dedicou ao tema.

As Internacionais, a questão agrária e o movimento camponês

Ândrea Francine Batista (UFPR - Setor litoral)

Resumo

A organização internacional da classe trabalhadora passou por diversos momentos históricos, e em cada um deles, com desafios e impasses que em grande medida não foram resolvidos, mas estenderam-se ao longo dos anos manifestando-se ininterruptamente em diferentes expressões. Entre eles podemos citar, a estratégia da luta pela emancipação humana, a questão agrária, e a questão do sujeito revolucionário. Em toda a trajetória da organização internacional dos trabalhadores, os camponeses e a questão da propriedade da terra foram temas de intenso debate. Mais recentemente a organização de um Movimento Camponês Internacional - a Via Campesina, emergente num contexto de lutas antiglobalização neoliberal, carrega atualmente novos desafios, não somente de sua classe em particular, a camponesa, mas parte dos desafios da classe trabalhadora como um todo. Entre estes, a consolidação de uma aliança proletário-camponesa em dimensão internacional, capaz de incidir na transformação social em plena crise estrutural do capital.

Mesa Coordenada 43. Dominação burguesa e movimentos sociais no mundo contemporâneo

Coordenador: Thiago Romão de Alencar

Dominação de classe, desenvolvimento industrial e reformismo burguês em Inglaterra

Daniel Schneider Bastos (UFF)

Resumo

Resumo

A influência do marxismo sobre a história social britânica teve, entre seus muitos frutos, o desenvolvimento de valiosas reflexões sobre a dominação de classe durante a Revolução Industrial. As questões mais relevantes sobre esse tema, contudo, perderam espaço na historiografia, conforme novos paradigmas desprestigiaram o emprego das referências e modelos macro-históricos de orientação marxista, que possibilitavam conceber a industrialização em sua dimensão de projeto de dominação. O presente artigo se divide em duas partes. Na primeira, argumenta que o abandono do quadro teórico-metodológico marxista explica a razão pela qual parte influente da história social perdeu a capacidade de abordar satisfatoriamente esse objeto. Na segunda, propõe um novo olhar sobre a intelectualidade orgânica da burguesia inglesa como forma de retomar e avançar os estudos sobre a dominação de classe nessa conjuntura.

Palavras-chave: Revolução Industrial, dominação de classe, burguesia, marxismo, capitalismo, liberalismo, história da Inglaterra.

Elementos teórico-metodológicos para análise dos movimentos sociais à luz de uma abordagem marxista

Gabriel Teles (USP)

Resumo

O presente trabalho busca trazer uma análise teórica acerca dos movimentos sociais ancorados em diversos autores marxistas ou inspirados no marxismo. Para tanto, busca-se evidenciar as contribuições de Marx para a análise dos movimentos sociais, o conceito de movimentos sociais na perspectiva marxista e, posteriormente, inseri-la, de forma esquemática, na dinâmica da sociedade (sua relação com as lutas de classe, desenvolvimento histórico da acumulação de capital, Estado, etc.). Busca, nesse sentido, demonstrar a fertilidade do marxismo para a compreensão e análise desse importante fenômeno da sociedade moderna.

Processos de generificação e racialização nas políticas públicas de bem-estar social: o caso do Reino Unido

Thiago Romão de Alencar (UFF)

Resumo

Esse artigo abordará a inserção das mulheres trabalhadoras na estrutura de bem-estar social através de um panorama histórico das políticas públicas desenvolvidas no Reino Unido desde o National Insurance act de 1911, que instituiu a primeira política pública de seguridade social no país. A partir da análise de algumas políticas sociais, pretendo ressaltar os pressupostos por trás de tais políticas, os critérios que as estruturavam e a interação entre gênero e classe na redefinição que o Estado de bem-estar impôs às relações familiares, à cidadania e à noção de trabalho assalariado, tendo como pano de fundo algumas perguntas em mente: qual a relação dessa expressiva fração da classe trabalhadora com os benefícios do Estado de bem-estar social britânico? O que a lógica de tais políticas ocultava e ao mesmo tempo reforçava? A partir das críticas feministas e da teoria da reprodução social à obra clássica de Esping-Andersen, buscarei mostrar como o Estado de bem-estar social no Reino Unido serviu para fortalecer papéis sociais de gênero no interior do lar e no mercado de trabalho pago, ao se apoiar no trabalho não-pago feminino que tanto impedia as mulheres de acessarem de forma integral o mercado de trabalho, como, por consequência, limitava seu acesso a políticas públicas para assalariados e sua independência financeira com vistas a formar e manter um lar de forma autônoma.

Mesa Coordenada 44. Estado e regimes políticos: teoria e história

Coordenador: Vanderlei Martini

Estado, regimes políticos e governo: história, teoria e atualidade

Vanderlei Martini (UFRJ)

Cristiane Francelina Dias (UNB)

Resumo

O tema geral que este artigo aborda, sob uma perspectiva teórica, a partir de formulações de autores marxistas, é o processo de evolução e consolidação do Estado burguês sob modo de produção capitalista com suas crises políticas e, em decorrência destas, as mudanças de regimes políticos. Nosso objeto central de análise, portanto - além do Estado burguês - são os regimes políticos implementados pelas classes dominantes à depender de cada conjuntura histórica. Com destaque para a democracia, o bonapartismo e o fascismo, por serem marcadamente os mais presentes ao longo da hegemonia da burguesia como classe social.

Palavras-chave: Estado. Bonapartismo. Fascismo. Democracia Burguesa.

É democrático questionar? O lugar do dissenso na democracia liberal

Cecília Carmanini de Mello (UFV)

Joana D'Arc Germano Hollerbach (UFV)

Resumo

O presente ensaio é uma tentativa de compreender como o neoliberalismo buscou criar um novo pacto social mediante a fabricação de um consenso “democrático”. Para isso problematizaremos os conceitos de alienação presente em Marx (1989), consenso e de dissenso de Jacques Rancière (1996) e o modelo agonístico pluralista de democracia de Chantal Mouffe (2003; 2005). Por meio dessas análises percebemos que a democracia liberal baseada em consenso é uma falácia, silencia as vozes críticas, fortalecendo conflitos de ordem identitária.

O Estado contra a sociedade: sobre a recepção da filosofia do direito de Hegel nos manuscritos de 1843 de Karl Marx

José Francisco de Andrade Alvarenga (PUC-RJ)

Resumo

Esta apresentação tem por objetivo analisar a recepção do conceito de Estado formulado por Hegel na filosofia de Marx em 1843. Investiga-se em maior profundidade a recepção do conceito de poder governamental formulado na filosofia do direito. Com base na análise da Filosofia do direito de Hegel e da crítica de 1843 de Karl Marx, conclui-se que a recepção de Marx é marcada pela denúncia de que o poder governamental, tal como formulado por Hegel, somente consegue cumprir a sua função adequadamente na medida em que os interesses particulares estão separados do interesse universal, contrariando o motivo maior de Hegel na construção da Eicidade.

A violência revolucionária em Marx e Engels

Pedro de Araújo Fernandes (IESP - UERJ)

Resumo

O presente artigo busca analisar como o papel atribuído à violência revolucionária sofreu modificações nos textos de Karl Marx e Friedrich Engels. Busca-se destacar, por um lado, a aparente mudança de posição dos autores em relação ao tema, e, ao mesmo tempo, o fato de que os autores não chegaram a rejeitar a via revolucionária. O artigo aborda, em especial, as contribuições de Engels sobre o tema, visto que, diferente de Marx, ele chega a estudar a violência enquanto um objeto de teórico central em uns de seus textos e, também, devido às suas aparentes mudanças de posição após a morte de Marx.

Mesa Coordenada 45. Fascismo, cesarismo e democracia no debate marxista do século XX

Coordenador: Sandro de Mello Justo

O pensamento ético-político de György Lukács: sobre a democracia da vida cotidiana

Sandro de Mello Justo (UFRI; Colégio Pedro II)

Resumo

O presente artigo – parte de nossa tese de doutorado ainda em desenvolvimento – traz como objeto central o pensamento ético-político de György Lukács. Para a análise deste objeto, nos debruçamos sobre textos do Lukács maduro verificando como o pensador, ao desenvolver seu pensamento dialético, constrói reflexões ético-políticas extremamente densas e permeadas por diversas mediações. Podemos dizer que o conceito central do pensamento ético-político do Lukács maduro é democracia da vida cotidiana. Por sua vez, tal conceito traz em si a expressão do que seria caro para o filósofo marxista durante toda a sua vida, especialmente na maturidade: a unidade entre vida individual e vida genérica.

Equilíbrio catastrófico e cesarismo em Gramsci

Vânia Noeli Ferreira de Assunção (UFF - Rio das Ostras)

Resumo

Esta comunicação tem como objeto a categoria “cesarismo” nos Cadernos do cárcere gramscianos, especificamente, o volume 3, intitulado Maquiavel: notas sobre o estado e a política. O objetivo é rastrear os usos, as características e possíveis mudanças na apreciação do tema, o que se quer alcançar por meio da análise imanente do texto.

Estado e fascismo: breve discussão sobre a luta de classes e a posição da Internacional Comunista

Bruno Prado Prates (UFMG)

Sávio Peres Rego Loureiro (UFMG)

Resumo

O fascismo é, hoje, um fenômeno ainda presente e fundamental na luta de classes. A utilização do termo fascismo em tempos atuais implica em colocar o debate sobre a possibilidade de identificação deste fenômeno com períodos históricos diferentes dos que criaram a Itália de Mussolini ou a Alemanha hitlerista, exemplos tradicionais de fascismo. É necessário, portanto, entender o fascismo a partir das relações de classe que o constituem, além de situar a ditadura fascista frente a uma concepção de Estado como um aparato repressor de uma classe sobre a outra. O presente artigo parte de uma breve discussão sobre o caráter de classe do Estado e de suas particularidades sob a forma burguesa, como também o caráter de classe do fascismo e quais suas implicações para a política do Estado frente à classe trabalhadora. Além do movimento contrário: as políticas a serem adotadas pela classe trabalhadora e os comunistas frente à ditadura fascista, dando enfoque ao debate realizado a partir da Internacional Comunista.

Mesa Coordenada 46. Mulheres, violência e cidadania

Coordenador: Tainã Góis

A condição feminina e a reprodução de desigualdades

Tamina Batán Rody Lima (UERJ)

Resumo

O presente artigo busca explorar as análises da condição da mulher na atual etapa do capitalismo global, considerando as desigualdades de gênero em relação às desigualdades de raça e classe, a vulnerabilidade e marginalização de sujeitos sociais. Neoliberalismo; mulheres; América Latina; Brasil.

Mulheres: sujeitas ao direito? O debate público sobre a violência contra a mulher e as possibilidades da forma jurídica

Tainã Góis (Faculdade de Direito/USP)

Resumo

O movimento feminista vem ganhando força não apenas na explicitação da condição de opressão do feminino, senão também na pressão para formulação de políticas públicas que coloquem as necessidades específicas da mulher no centro da discussão. Essa estratégia, contudo, se observada a partir de teorias que pressionam por uma transformação estrutural da opressão de gênero e das opressões sociais como um todo, apresenta marcas de contradição cuja análise se mostra de alta relevância. Se por um lado a necessidade de reconhecimento da condição da mulher pela forma jurídica enquanto sujeito específico de tutela é fundamental para esse processo, por outro, a necessária crítica à conformação das necessidades sociais à forma sujeito de direito, em seu tom atomizante e abstrato, é crucial para que as transformações aqui pensadas não sejam meras acomodações à uma ordem social estruturalmente opressora. Nesse sentido, a partir de um caso prático de uso instrumental do direito pelo movimento feminista, busca

Identidades trans: pensar a cidadania e seus sentidos

Silvana Marinho (UFRJ)

Resumo

Neste artigo discutiremos a identidade de gênero como uma dimensão da cidadania. O exercício reflexivo será o de pensar a cidadania e seus sentidos, lançando luzes às vivências trans como categorias identitárias e à agência humana das pessoas trans. Sob a lente feminista e a perspectiva crítico-dialético, este artigo também refletirá sobre os desafios postos ao reconhecimento de direitos desses novos sujeitos políticos num contexto de crise estrutural do capital, retração de direitos sociais e recrudescimento do conservadorismo do nosso tempo presente. Além da introdução e das considerações finais, este artigo está dividido em duas seções. Na primeira seção é discutida a cidadania moderna, sua história, sentidos, avanços e recuos. Já a segunda seção trata dos processos (trans)identitários no campo político e a práxis humana, com a qual apresentamos um breve histórico da organização política de pessoas trans no Brasil e da formulação e ossatura de políticas públicas LGBT, buscando ainda inscrever o debate trans para além da falsa dicotomização entre lutas gerais e lutas específicas.

Mesa Coordenada 47. A nova direita: propostas e estratégias

Coordenador: Jose Rodolfo Santos da Silveira

Avances de las derechas en Nuestra América

Gabriela Roffinelli (Universidad de Buenos Aires)

Resumo

Considering the crisis of several of the progressive political processes in Nuestra America, the present work intends to analyze contemporary peripheral capitalism, in dialogue with the contributions and debates promoted by the Marxist Dependence Theory (taking into account both its founders and to the current exponents). We wish to recover significant theoretical and methodological contributions of the MDT to analyze the characteristics assumed by historical capitalism, and the new mechanisms that reinforce the peripheral or dependent insertion of Nuestra America in the world economy. The work will be structured around the following axes: (I) Characteristics of contemporary imperialism, (II) the debates about the centrality of the super-exploitation, (III) the analysis of the disconnection of Samir Amin and (IV) the social struggles to be articulated in an anti-capitalist perspective.

Contribuição para pesquisa do conservadorismo ultraliberal na redefinição de projetos profissionais: a “nova” direita vai ao Serviço Social

Jose Rodolfo Santos da Silveira (Doutorando em Serviço Social/UERJ; Técnico-administrativo- Assistente Social/UFRI)

Resumo

O trabalho em tela trata da disputa ideológica operada pela chamada “nova direita”, em sua relação com a formação profissional e direção social de projetos profissionais. Nossa aproximação com a temática se debruça sobre o corpo profissional do Serviço Social, envolvendo sujeitos envolvidos tanto na execução de Políticas e Serviços sociais em instituições de caráter público ou privado, quanto na intervenção diretamente vinculada à área acadêmica e à formação profissional.

Nessa área, a partir dos anos de 1980, uma direção social crítica se consolidou rompendo com elementos hegemônicos na cultura profissional progressista, com o peso do conservadorismo moral desde as protoformas da profissão nos anos de 1930, e perspectivas modernizadoras que figuram principalmente após a segunda metade da década de 1960 (NETTO, 2005).

Os sujeitos de que trataremos nesse texto compõem a “nova direita” do Serviço Social, e nos aproximaremos dos mesmos pela análise das publicações do “Movimento Serviço Social Libertário”. Esse movimento organiza a resistência à perspectiva emancipatória do projeto profissional do Serviço Social, atualmente legitimada pelos órgãos da profissão, inclusive em sua legislação profissional e confirmada na eleição de representantes da categoria na estrutura estatal via Conselhos profissionais.

Nesse sentido, no presente trabalho, ocupar-nos-emos de uma fração minoritária de intelectuais do Serviço Social que atuam como agentes de organização e difusão de visões de mundo e valores conservadores correlatos à determinada perspectiva de classe antagônica aos ideais democráticos e populares hegemônicos na profissão analisando seus laços de organicidade na defesa do ideário conservador ultra-liberal e no campo acadêmico-profissional.

O uso das redes sociais via internet como instrumento da classe dirigente contra as ideias marxistas

Vinícios de Moraes Betiol (SEEDUC-RJ)

Resumo

Resumo

Partindo da premissa de que a história da sociedade é a história da luta de classes, o nosso recorte espaço-temporal será conduzido por essa premissa de que a classe dirigente buscará artifícios para se manter no exercício do poder. Isso faz com que a classe burguesa busque manter o controle de mecanismos que possuam grande influência perante a sociedade. Ao longo de muitos anos setores como a mídia, a escola, a igreja e obviamente o Estado estão

sob os tentáculos do grande capital. Porém, em tempos de novas tecnologias, essa conjuntura vem passando por transformações. As redes sociais via internet surgiram como mais um instrumento de grande apelo social. Como não poderia ser diferente a classe dirigente já tomou a dianteira no controle das informações, com o propósito de utilizar tal instrumento como arma de manipulação de mentes para a promoção de seus interesses e de ataques às ideias marxistas. Diversos think tanks foram financiados para formar a opinião da classe trabalhadora através das redes sociais, tentando afastá-la das ideias críticas e torná-la mais vulnerável. É esse o contexto contemporâneo da luta de classes, em que os ideólogos marxistas precisam primeiramente encontrar meios de convencer a classe operária de sua opressão.

Palavras-chave: Relações de poder. Luta de classes. Redes sociais.

Mesa Coordenada 48. Crise e capital financeiro: impactos sociais e políticos

Coordenador: Giovanna Borges Bortotto

O hiato entre o elemento histórico-moral do valor da força de trabalho e a remuneração recebida: o endividamento das famílias

Matheus Itiro de Castro Tao (UFPR)

Dayani Cris de Aquino (UFPR)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo caracterizar o fenômeno da superexploração da força de trabalho nas economias dependentes, demonstrando que o crescimento do elemento histórico-moral do valor da força de trabalho se dá, sem o correspondente aumento salarial, configurando assim, um hiato entre o elemento histórico-moral do valor da força de trabalho e a remuneração desta. Bens, antes francamente suntuários, generalizam-se e tornam-se mercadorias que integram o círculo de mercadorias necessárias do ponto de vista da reprodução do trabalhador mediante condições sociais historicamente determinadas, acessadas graças ao endividamento das famílias.

Inovações financeiras e crise: o capital fictício e seus desdobramentos

Giovanna Borges Bortotto (UFES)

Resumo

A acumulação crescente e ininterrupta de riqueza material é premissa básica para que se dê a perpetuação do Sistema Capitalista e de seus mercados, trazendo consigo inúmeras particularidades que foram – e ainda são – amplamente exploradas por diversos autores, dentre eles, a referência prima deste trabalho, Karl Marx, mais particularmente em sua obra econômica de maior fôlego, O Capital. Faz-se ampla defesa de que, a partir dos anos 1970, a economia mundial haveria ingressado numa nova fase, de forte exacerbação do mundo das finanças e da acumulação por via financeira. A fase que se adentra é de exacerbação da lógica da finança, da especulação financeira, de engenharias financeiras que criam capital fictício como forma de acumulação. Tratando da categoria marxista do “capital fictício”, busca-se analisar os movimentos do capitalismo financeirizado, trazendo maior enfoque para a Crise financeira dos títulos hipotecários gestada nos Estados Unidos a partir de 2007-2008 e buscando as contradições e instabilidades produzidas pela lógica da acumulação financeira.

Fundos de pensão e capital fictício no Brasil: uma análise desde a crítica da economia política

Thais Soares Caramuru (UNB)

Resumo

Este artigo tem como tema a abordagem da dinâmica de funcionamento dos fundos de pensão no Brasil a partir do uso do arcabouço teórico, categorial e metodológico fornecido pela teoria social crítica marxiana. Nesses termos, o objetivo do trabalho é o de descortinar a funcionalidade das grandes massas monetárias agregadas pelos fundos de pensão para o processo de acumulação capitalista no Brasil. Para tanto, o texto abordou, inicialmente, o papel dos fundos de pensão no cenário da mundialização do capital, no qual a força financeira de tais agentes os converte em players cruciais na expansão dos mercados financeiros. Em segundo lugar, abordou-se a dinâmica de funcionamento desses fundos no Brasil, tendo em perspectiva a configuração e o direcionamento das massas monetárias que congregam. Em sequência, fez-se uma breve aproximação teórica acerca da categoria capital fictício e sua funcionalidade para refletir o modus operandi dos fundos de pensão no capitalismo contemporâneo. Em última instância, observou-se que, como operadores centrais da mundialização, os fundos de pensão se convertem em agentes centralizadores de extraordinárias massas monetárias que exercem função primordial na reprodução do capital fictício, principalmente a partir da aplicação de recursos em ativos como ações e títulos da dívida pública, em detrimento da função de prover proteção previdenciária.

Hilderding, capital financeiro e Marx. Teoria do valor, dinheiro e crédito

Victor Hugo Klagsbrunn (UFF)

Resumo

Hilferding cunha e desenvolve um novo conceito, o do Capital Financeiro. Sua interpretação da expansão dos bancos até dominarem os capitais produtivos radica na derivação lógica do dinheiro, de sua circulação e do crédito, com lacunas expressivas quanto aos desenvolvimentos de Marx. Sobretudo sua derivação das funções dos bancos deixa de fora a importância dos depósitos bancários e a criação dos mesmos mediante o crédito bancário.

Mesa Coordenada 49. Dimensões do capital e o desafio revolucionário

Coordenador: Ellen Tristão

O capital encurralado

Atanásio Mykonios (UFVJM)

Resumo

O capital está em busca de uma nova adequação à sua condição lógica de produção de valor, uma vez que a crise estrutural do sistema encontra seu ponto de inflexão dado pelas novas condições de produção, em que a ciência, como forma material do capital, introduz a contradição insolúvel por meio do aumento da produção e a substituição da força de trabalho. A burguesia se vê, portanto, numa encruzilhada histórica ao queimar as mediações institucionais e provocar o impasse sobre os estados-nacionais e sua constituição objetiva. A economia mundial, por meio de seu sistema financeiro, dá sinais de que não é mais possível extrair mais-valor a partir da exploração do tempo excedente da força de trabalho e neste momento, o sistema entra numa fase inercial de sua própria condição, o valor despenca com o aumento forma objetiva da ciência que é a tecnologia que não pode ser freada sob pena de os concorrentes serem destruídos no mercado. Por conseguinte, o impasse se dá em torno das funções dos estados-nacionais e suas fronteiras.

A morte do sujeito revolucionário: crítica do valor e contradição do capital em Moishe Postone

Diogo Labrego de Matos (UERJ)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo, a partir da crítica do valor em Moishe Postone, aprofundar o entendimento sobre o papel da categoria de sujeito revolucionário para a descrição da sociedade capitalista cara à perspectiva do marxismo tradicional. Para isso, lançamos luz sobre as determinações envolvidas na análise categorial de Marx, sobretudo no que diz respeito à contradição mais fundamental do capitalismo que, sob a ótica de Postone, engendra uma distensão crescente entre a realidade imediata e possibilidades históricas contidas no aprofundamento da socialização pelo trabalho abstrato. Com isso, pretendemos fazer uma crítica ao conceito de sujeito revolucionário contaminada pela visão determinista do marxismo tradicional e, concomitantemente, salvaguardar a possibilidade de agência histórica pelos indivíduos que medeiam suas relações através de uma matriz social totalizante.

Fetichismo e reificação em O capital

Ellen Tristão (UFVJM)

Resumo

O objetivo desse artigo é demarcar a relevância do fetichismo e da reificação como imanentes ao modo de produção capitalista e indispensáveis à sua defesa e naturalização. A partir de uma leitura dos três livros de O capital, evidencia-se o fetichismo e a reificação sobre os quais se move a relação social capitalista e cuja análise explícita a dialética permanente entre a essência desmistificadora e a aparência reificada e fetichizada. Indica-se, por fim, que é na aparência que se sustentam a economia vulgar e, em grande medida, a economia política clássica, cujas conclusões apologéticas servem a classe dos proprietários de terra e capital em detrimento dos trabalhadores

Mesa Coordenada 50. Teoria da dependência e superexploração do trabalho no mundo contemporâneo

Coordenador: Mariano Féliz

Dependencia, valor y naturaleza. Hacia una revitalización crítica de la teoría marxista de la dependencia

Mariano Féliz (Universidade de La Plata)

Andrea Haro (Universidad Nacional de Tucumán)

Resumo

La teoría marxista de la dependencia TMD desarrolló un marco conceptual novedoso para interpretar la realidad latinoamericana. Este artículo se propone recuperar la tradición de la TMD ante la necesidad de renovar la caracterización del capitalismo dependiente, a fin de comprender las particularidades que se vienen gestando ante la creciente internalización de las economías, la interacción del trabajo productivo y reproductivo, y la vinculación con las modalidades de superexplotación de la naturaleza. Para ellos, comenzaremos discutiendo cómo se constituye históricamente el mecanismo que fuerza la super-explotación de la fuerza de trabajo para posteriormente analizar cómo se define en el capitalismo dependiente el valor de la misma. Luego, avanzaremos en la discusión sobre el intercambio desigual y la teoría del valor articulando el debate clásico con nuevos desarrollos teóricos. Finalmente, abordaremos las categorías teóricas vinculadas al saqueo de las riquezas naturales, la teoría de la renta del suelo y sus articulaciones con el marxismo ecológico.

Palabras claves: superexplotación, intercambio desigual, dependencia, extractivismo, y feminismo.

A superexploração da força de trabalho em economias dependentes

Diana Chaukat Chaib (UNIFAL)

Resumo

Este artigo parte do escopo de análise da teoria marxista da dependência para identificar a superexploração da força de trabalho como característica fundamental da situação dependente. Segundo a teoria para que haja aumento do excedente produzido nas economias periféricas dependentes, a ser apropriado pelo centro, ocorre a superexploração do trabalho, isto é, uma extração de mais-valia extra.

Surplus value and the value of surplus – the Political Economy of non-equivalent exchange in the 21st century

Paul Kellogg (Athabasca University)

Resumo

The international trading system is broken. To fix it, two positions are dominating the debate: 1) a hard turn to protectionism and trade wars; 2) a doubling down on 1990's-era globalization and free trade. These are false solutions. This paper will suggest that finding a real solution will require several steps. The paper will begin by reviewing and revising contemporary approaches to mapping the hierarchical nature of the world economy. It will then outline and demonstrate the mechanisms of non-equivalent exchange, enforced by structured inequalities in the relative value of national currencies, which constantly create and reinforce this hierarchy. Throughout, the paper will demonstrate the way in which these findings force modifications in our understanding of key formulae from Capital volumes I and III – specifically, formulae on the circulation of commodities and the rate of profit. Finally, the paper – taking a page from the first years of ALBA – will make the case for displacing the US dollar from its role as “world money”. Late in life, John Maynard Keynes argued unsuccessfully for precisely this – a structured internationally-managed system by which national economies could meet in the world market and exchange their goods and services, independent of the relative valuation of their national currencies. Whether or not the solutions posed by the ALBA countries or Keynes are complete, they are addressing the right problem – the manner in which structured inequality of currencies distorts the international trading and investment system, creating recurring crises and entrenching economic underdevelopment.

Mesa Coordenada 51. Luta de classes e a questão racial no Brasil

Coordenador: Flavia Fernandes de Souza

Algumas reflexões sobre mulheres, raça e emprego doméstico na formação de uma economia urbano-industrial (Rio de Janeiro, 1890-1940)

Flavia Fernandes de Souza (UFF; PNPd-Capes)

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo histórico sobre as relações entre mulheres, raça e emprego doméstico na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos 1890 e 1940. Com base na análise de fontes documentais e no uso de pressupostos teóricos do materialismo histórico e do feminismo marxista pretende-se argumentar que a prestação de serviços domésticos cumpriu um papel essencial na constituição do mercado de trabalho livre e assalariado na capital durante o processo de formação de uma economia urbano-industrial no Brasil. Isso porque o emprego doméstico se constituiu como um espaço privilegiado para a ocupação de mulheres trabalhadoras e, sobretudo, de mulheres negras. Além de ser aquela uma esfera laboral onde se manifestavam, de maneira contraditória e integrada, relações sociais fundamentadas não apenas na exploração do trabalho e na dominação de classes, mas também em opressões patriarcais e raciais. Assim, pretende-se realizar uma discussão que compreende três momentos. Primeiro, serão expostos alguns aspectos da composição do mercado de trabalho, dando particular atenção para o crescimento do setor de serviços e para a dinâmica da participação da mão de obra feminina. Em segundo lugar, serão apresentados alguns aspectos da passagem do chamado serviço doméstico, realizado dentro dos quadros do sistema escravista oitocentista, para o trabalho doméstico remunerado, que passou a ser, cada vez mais, ocupado por mulheres no século XX. Por fim, realizar-se-á uma análise comparativa de dados censitários, que demonstram a existência de uma estrutura racial na composição da força de trabalho empregada nos domicílios da cidade.

Raça e classe no Rio de Janeiro: organização da classe trabalhadora negra e sociedade civil no Brasil (1906 - 1940)

Camila Pizzolotto Alves das Chagas (UFF)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão em torno da formação da classe trabalhadora brasileira e dos aspectos de sua organização na virada do século XIX para o século XX, tendo como foco o conceito de sociedade civil formulado por Gramsci, para analisar a população negra que, antes escravizada, começava a se organizar de maneira mais sistemática. Olharemos para os trabalhadores do porto do Rio de Janeiro, investigando mais especificamente as relações dos trapicheiros, suas reivindicações, práticas religiosas e territorialidades, nomeadamente a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café.

Pretendemos entender como, no cotidiano desses trabalhadores, as questões relacionadas ao racismo estavam presentes e como isso se entrelaçava constantemente com a superexploração do corpo negro, fosse baixando os salários e remunerações pagas à este trabalhador, fosse sob a forma de castigos corporais praticados pelos patrões como no período escravocrata. Além da repressão estatal às práticas religiosas de matriz africana, que afetavam diretamente o cotidiano desses trabalhadores, suas formas de organização comunitária e dos momentos de lazer.

Nos propomos a investigar como esses trabalhadores se organizavam e como as questões raciais estavam relacionadas com o modo de organização dos aparelhos privados de hegemonia desses trabalhadores, de maneira a entender como as classes subalternas se organizaram neste contexto. Nossa base teórica parte de Antonio Gramsci e do Estado Ampliado como ferramenta metodológica, instrumental fornecido por Sonia Mendonça.

Diálogos e tensionamentos na luta antirracista e luta de classes

Sandra Vaz (UFF)

Resumo

O artigo pretende discorrer sobre a questão racial a partir de Marx e da tradição marxista, buscando destacar a incorporação da pauta racial nas lutas sociais travadas pela esquerda, as polêmicas e os tensionamentos que giraram em torno da relação entre raça e classe. Considera que apesar do atraso no diálogo mais incisivo entre raça e classe no Brasil, as rupturas da militância negra e da própria relação entre o movimento negro e a esquerda, faz-se necessário localizar as circunstâncias em que foram desencadeadas na história e os avanços em torno dessa relação, afinal, é inegável a influência de Marx e do marxismo nas lutas travadas durante todo o século XX, bem como a sua atualidade. No entanto, é preciso identificar os equívocos e polêmicas para não repeti-los.

Mesa Coordenada 52. Juventude, luta de classes e os desafios da educação contemporânea

Coordenador: Graciella Fabrício da Silva

Precarização da educação pública, juventude e luta de classes: as ocupações de escolas frente às contrarreformas educacionais

Graciella Fabrício da Silva (UFF)

Resumo

Na década de 1990, o Brasil aderiu ao programa neoliberal. A implementação das diretrizes elaboradas pelos intelectuais orgânicos do capital gerou resultados nefastos nos serviços públicos, com destaque para a educação. A apropriação dos recursos públicos pela classe dominante e a implantação dos seus padrões de sociabilidade precarizou as escolas públicas, aumentou a exploração dos trabalhadores da educação e reduziu as perspectivas de futuro da juventude. Frente ao cenário devastador que se lhes era imposto, estes setores resistiram aos ataques promovidos pelo capital por meio de greves e das ocupações de escolas e deixaram importantes lições a serem compreendidas pela classe trabalhadora.

As políticas públicas de educação do campo e as juventudes da E.E.M. Francisca Pinto dos Santos, em Ocara-CE

Marcilia Nogueira do Nascimento (UECE)

Frederico Jorge Ferreira Costa (UECE)

Resumo

Esse trabalho apresenta as políticas públicas de Educação do Campo e a concepção de educação das escolas do campo, relacionando-a à juventude do campo, um dos públicos-alvo dessa política, perpassa por concepções e abordagens que orientam os estudos sobre juventude, para enfim, discutir a construção identitária dessa categoria considerando as especificidades do meio onde vive, o campo. Tem como objetivo contribuir com a reflexão acerca das categorias juventude e juventude camponesa e da necessidade de políticas públicas voltadas à essa categoria. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como método o estudo bibliográfico e questionário semiestruturado, o qual foi aplicado a estudantes da E.E.M. Francisca Pinto dos Santos, no Assentamento Antônio Conselheiro, em Ocara-CE.

O movimento Escola Sem Partido e a ideologia da "ideologia de gênero": rastreando seus significados

Helton Messini da Costa (UFF)

Resumo

Em 2004, surgia na sociedade brasileira um movimento denominado "Escola Sem Partido" (MESP). Criado pelo advogado e procurador de justiça do Estado de São Paulo, Miguel Francisco Urbano Nagib, o MESP despontava como uma reação a um episódio em que um professor de história de sua filha, num colégio privado na cidade de Brasília, havia comparado Che Guevara a São Francisco de Assis. Em pouco menos de uma década, o movimento que em seu início não alcançou grande repercussão tornou-se centro dos debates educacionais, servindo, inclusive, de bandeira de campanhas eleitorais no pleito de 2018. Portanto, dada essa vertiginosa abrangência, o exercício de reflexão presente nesta pesquisa tem por objetivo investigar e analisar esse fenômeno, enfatizando seu ponto de convergência com as frentes parlamentares evangélica e católica na disseminação do termo "ideologia de gênero". Pretendemos rastrear o significado da utilização desse termo na correlação de forças em que emerge a criminalização dos movimentos feministas e LGBTTQIs que, em sua essência, manifestam a disputa por distintos projetos de escola e sociedade no Brasil.

Mesa Coordenada 53. Classe social: reflexões teóricas e estudos de caso

Coordenador: Aline Moura

As classes sociais na teoria marxista: estrutura social ou processo histórico?

João Gabriel Loures Tury (UNICAMP)

Resumo

O entendimento do modo de produção capitalista como estruturado na divisão entre classes sociais, centralmente numa luta entre proletariado e burguesia, é uma proposição consensual entre as diversas alas do pensamento marxista. No entanto, com o desenvolvimento da teoria marxista muitas explicações foram dadas sobre o papel das classes sociais no capitalismo e na transformação social. Em especial, a partir da década de 1960, desenvolveram-se teorias mais sofisticadas para responder às críticas que identificavam o marxismo como um determinismo econômico, onde as classes eram explicadas por critérios monocausais. Como síntese das diversas elaborações sobre as classes sociais no âmbito da teoria marxista, podemos condensar em três vertentes distintas, que fundamentam suas explicações em elementos dessemelhantes: uma vertente metafísico-filosófica, que apresenta as classes sociais como um sujeito histórico que possui a tarefa de superar as contradições do devir; uma vertente estrutural-sociológica, que busca identificar as estruturas sociais que condicionam a luta de classes; e, por fim, uma vertente político-histórica, que, focando na experiência histórica dos sujeitos, entenderá a classe como um processo social de constituição a partir da luta. Neste trabalho, apresentamos a teorização de três autores representantes das duas últimas vertentes apresentadas acima: E. P. Thompson, Nicos Poulantzas e Erik Olin Wright. Estes autores foram protagonistas nos debates sobre a teoria das classes sociais entre as décadas de 1960 e 1980, concebendo três formas diferentes de compreender as classes sociais a partir de uma ótica marxista.

Educação, classe e o processo de desenvolvimento capitalista no Brasil

Aline Moura (UFRRJ)

Alexandre Augusto e Souza (UERJ)

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de apresentar um debate sobre o lugar da educação no processo de desenvolvimento capitalista no Brasil, mais especificamente no período de transição para o capitalismo industrial, a partir das contribuições de Florestan Fernandes. Trata-se de um estudo bibliográfico que discute de forma conjuntural o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, resgatando o que Florestan Fernandes (2005) denomina de aspectos estrutural-históricos, trazendo elementos econômicos, políticos, sociais e ideológicos. Para tratar sobre a educação no contexto do desenvolvimento capitalista, foi necessário pensar no caráter ultraconservador que dominava o cenário nacional, cujas preocupações, desde sempre, giravam em torno de interesses particulares demarcados por um conservadorismo sociocultural e político-econômico. O que se tentou apresentar e discutir ao longo do trabalho foi a ideia de uma mudança de organização na forma de produzir no Brasil, que tinha como intuito, promover o desenvolvimento da nação, a partir do que denominamos aqui de uma revolução no sentido de transição a partir de um processo de incorporação de um padrão estrutural de organização econômica da sociedade, marcado pela expansão do trabalho assalariado e a universalização da ordem social competitiva, perpassando pela questão de classe, onde foi vendida a ideia de uma educação igual para todos que, de fato, ficou apenas no campo das ideias.

As categorias classe social e sindicato no ensino de história do Brasil

Frederico B. B. Tomaz (URCA)

Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em andamento cujo objetivo é investigar a relação entre Ensino de História e as categorias marxistas de “Classe Social” e “Sindicato”. No artigo discutiremos a construção dessas duas categorias dentro da teoria marxista e como elas se colocaram nas transformações ocorridas tanto no ensino básico quanto na Historiografia acadêmica.

Palavras Chaves: História do Trabalho; Ensino de História; Marxismo; Luta de Classes

Mesa Coordenada 54. Marx e Gramsci: contribuições pedagógicas

Coordenador: Livia Mouriño de Mello

Contribuições de Karl Marx para o entendimento da alienação estudantil

Rubens Vinícius da Silva (UFSC)

Diego Marques Pereira dos Anjos (IF Goiano - Campus Morrinhos)

Resumo

A ressignificação do termo alienação feita por Karl Marx apreendeu o fundamento concreto deste conceito nas relações sociais. A alienação surge nas relações de produção, na alienação do trabalho característica da sociedade capitalista. Ao expandir a alienação para outras esferas da vida social, também a atividade de estudo passa a ser absorvida pela dinâmica de alienação, isto é, de perda do controle, de perda de si, de dominação por outrem. O objetivo deste artigo é resgatar a contribuição de Karl Marx sobre o conceito de alienação, retomar sua discussão na sociedade contemporânea e, por fim, indicar como este processo ocorre especificamente através da atividade de estudo.

Palavras-chave: Alienação, Estudo; Sociedade Capitalista.

O trabalho como princípio educativo da escola unitária

Karine Martins Sobral (UECE)

Raquel Dias Araújo (UECE)

Ellen Cristine dos Santos Ribeiro (UECE)

Elandia Ferreira Duarte (UECE)

Resumo

A análise crítica de Gramsci sobre a crise enfrentada pelo sistema educacional italiano no Século XX não perdeu de vista a escola de caráter humanista que predominava antes da Reforma Gentile e a escola profissional que se tornava cada vez mais difundida na sociedade moderna, apontando, como solução para essa dicotomia, o modelo da Escola Unitária alinhada ao projeto de construção de uma nova ordem social. O estudo pretende contribuir para o exame da proposta educacional gramsciana, buscando perscrutar o caminho trilhado por Gramsci na sua elaboração a partir do contexto histórico-social em que esteve inserido, na tentativa de verificar a tese do trabalho como princípio educativo. A pesquisa é de natureza teórico-bibliográfica, referenciada nos clássicos do marxismo e em outros autores contemporâneos que assentam suas reflexões no referencial do materialismo histórico dialético. Concluímos, com base nesse estudo, que é o trabalho (no seu sentido ontológico) quem determina, em última instância, por uma série de complexas mediações, os conteúdos que precisam ser aprendidos mediante o ato educativo, é esse o significado da tese do trabalho como princípio educativo em Gramsci.

Trabalho e educação: da ontologia do ser social à subsunção real ao capital

Livia Mouriño de Mello (UFF)

Resumo

O presente trabalho se expressa na análise do caráter geral da educação no modo de produção capitalista, tendo como ponto central a categoria de “subsunção do trabalho ao capital”, desenvolvida por Karl Marx no esboço ao capítulo VI (chamado capítulo inédito) de O Capital (2004). Para tanto, tendo em vista a relação histórica e ontológica entre o trabalho e a educação, assim como a relação orgânica e dialética entre a estrutura (instância econômica) e a superestrutura (instâncias jurídicas, políticas e ideológicas) em uma determinada sociedade histórica, nossa análise partirá da centralidade do trabalho para teoria marxista e de suas características gerais para compreender o papel da educação nessa sociedade. Para tanto, iniciaremos nosso percurso analisando a importância do método do materialismo histórico dialético para a produção do conhecimento científico, seguiremos buscando caracterizar a centralidade do trabalho para a teoria marxista, assim como sua relação histórica e ontológica com a educação. E, por fim, na terceira seção, a partir da análise do caráter geral do trabalho no modo de produção capitalista, tomaremos de empréstimo a categoria de “subsunção do trabalho ao capital”, para compreendermos as

características gerais que determinam a educação no atual modo de produção, como a divisão sociotécnica do trabalho e a conformação do trabalhador coletivo.

Mesa Coordenada 55. Pensando as crises: política econômica e projetos sociais

Coordenador: Mauri Antonio da Silva

Austeridade fiscal e regressão social no Brasil: uma análise do período 2016-2018

Mauri Antonio da Silva (UFSC)

Resumo

Por meio de estudo teórico-bibliográfico discute-se a financeirização da economia mundial e a implementação das políticas neoliberais que restringem os direitos sociais dos trabalhadores urbanos e rurais. A hipótese é de que o Novo Regime Fiscal aprovado em 2016 faz parte de uma política de austeridade econômica que sacrifica os direitos da população para que a maior parte do orçamento do governo federal seja destinada ao capital financeiro. O resultado do estudo mostra que a redução de direitos sociais e trabalhistas piora as condições de vida da população.

Anotações sobre o conceito de crise múltipla e as atuais circunstâncias históricas e políticas no Brasil

Vladimir Puzone (UNB)

Resumo

Neste trabalho, proponho revisitar o conceito de crise múltipla como ponto de partida para compreensão da atual crise econômica e política no Brasil. Primeiro, será feita uma breve revisão desse conceito, retirado das discussões sobre a crise na Europa. Em seguida, serão discutidos alguns aspectos relativos ao entrelaçamento da crise econômica brasileira com a crise política, com ênfase na especificidade desta última e partir de uma pequena revisão da literatura brasileira. Como parte integrante das articulações entre mudanças no modelo de acumulação e suas configurações políticas, serão descortinados alguns traços daquilo que chamo de crise das esquerdas. Assim, a parte final deste trabalho procura aproximar os atuais efeitos do neoliberalismo com as dificuldades encontradas pelas organizações e movimentos dos trabalhadores e grupos subalternos.

Estado, empresariado industrial e aprendizagem industrial na Era Vargas, 1934 – 1945

Maurício Gonçalves Margalho (Secretaria de Estado de Educação - Seeduc/RJ)

Resumo

O artigo abordará a atuação do empresariado industrial no projeto de aprendizagem industrial no Brasil. Por meio análise de documentos como atas de reunião, relatórios e correspondências, abordaremos a participação dos intelectuais orgânicos da indústria no projeto político-pedagógico que culminou com o sistema de aprendizagem industrial. Salientamos as relações sociais entre os industriais e Gustavo Capanema – ministro da Educação e Saúde Pública. Levando-se em conta, como ressaltou Pierre Bourdieu, que o sistema de ensino colabora na reprodução estrutural das relações de força, acreditamos que o trabalho apresentará contribuição relevante para um debate sobre as formas de violência simbólica que, estrategicamente, o capital exerce sobre o trabalho no exercício cotidiano de luta/manutenção da sua hegemonia sobre as classes subalternas.

Mesa Coordenada 56. Precarização do trabalho no mundo contemporâneo

Coordenador: Felipe Moda

O trabalho dos motoristas da Uber: uma descrição densa e algumas análises

Felipe Moda (UNIFESP)

Resumo

O intuito desta apresentação é promover uma descrição densa do processo de trabalho desenvolvido pelos motoristas da Uber, servindo como base para traçarmos algumas considerações para compreendermos como ocorre o processo de valorização da empresa, classificarmos o trabalho realizado e analisar as condições de trabalho e as práticas gerenciais que são desenvolvida na relação entre a empresa e os motoristas. Para tanto, realizaremos um levantamento bibliográfico sobre estas temáticas e complementaremos a análise com algumas entrevistas realizadas com motoristas. Neste sentido, pretendemos responder às seguintes questões: podemos encarar a Uberização como uma nova reestruturação produtiva? Em que medida o aplicativo altera os processos de trabalho dos motoristas quando comparado aos dos taxistas? Os motoristas da Uber são, do ponto de vista do capital, trabalhadores produtivos ou improdutivos? Existe relação de subordinação dos motoristas à Uber? Quais práticas gerenciais são utilizadas pela Uber?

Indústria “4.0” e indústria da moda: automação e o paradigma da precarização do trabalho

Joana M. Contino (Universidade Estácio de Sá)

Resumo

Neste trabalho, realizamos um debate sobre a organização do trabalho na “Indústria 4.0” e acerca da viabilidade de implementação da automação correspondente a ela na indústria de confecção de vestuário. Através da contraposição de dois estudos sobre a “Indústria 4.0” – um alemão, lançador do conceito, e um brasileiro voltado ao setor têxtil e de confecção – a um referencial teórico proveniente da crítica da economia política marxiana, consideramos que a implementação da “Indústria 4.0” não representa ruptura com os métodos de controle do trabalho da reestruturação produtiva. Demonstramos também que o cenário atual da indústria da moda está bem distante do previsto pelo estudo setorial brasileiro. Esse setor permanece intensivo em trabalho de baixa qualificação e tem sido palco de constante aumento da precarização das relações laborais. Finalmente, ancorados na lei do valor, argumentamos que a plena implementação da automação proposta pela “Indústria 4.0” em todos os setores industriais implicaria em aprofundamento das contradições e crises do capitalismo, com efeitos nocivos para o funcionamento do próprio sistema. Assim, concluímos que, na indústria da moda, os preceitos da “Indústria 4.0” não devem ser plenamente colocados em prática.

Os conflitos do trabalho docente nas empresas de capital aberto que atuam no ensino superior brasileiro

Thayse Ancila Maria de Melo Gomes (UFRJ)

Hellen Balbinotti Costa (UFRJ)

Resumo

Este estudo possui como objetivo investigar o trabalho docente em grupos empresariais que atuam no ensino superior brasileiro e que comercializam ações na bolsa de valores assumindo a composição de capital aberto. Para isso, optou-se por partir dos conflitos decorrentes que estes trabalhadores vivenciam, contextualizando o ensino superior e colocando em relevo os grupos empresariais de capital aberto que atuam nesse setor. Com esse intuito, foi utilizado o Censo da Educação Superior, o site oficial da bolsa de valores e reportagens que mencionavam a ocorrência de conflitos nas organizações estudadas, buscando identificar os mecanismos de resistências e as pautas que estão sendo reivindicadas nesses ambientes.

Mesa Coordenada 57. Estado, partidos e transformações sociais no mundo moderno

Coordenador: Theófilo Machado Rodrigues

Comitê dos assuntos da burguesia? Análise do caráter do Estado a partir da conceituação cunhada n'0 manifesto comunista

José Luiz Alcantara Filho (UFF)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo central o conceito de Estado cunhado por Marx e Engels no Manifesto Comunista: “o executivo do Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX; ENGELS, [1848] 2014, p. 42). A partir desta afirmativa, buscaremos elucidar os processos e desdobramentos que caracterizam o Estado, bem como desvendar a essência de suas funcionalidades para além de suas formas aparentes de manifestação. Em síntese, entendemos que, para Marx e Engels, a caracterização de um modo de produção não deriva de uma opção pautada na vontade política, mas de um conjunto de questões econômicas e estruturais que se autonomizam e se sobrepõem às particularidades de um ou outro governante. Trata-se de um movimento real fundamentado nas relações sociais de produção sobre as quais se instituem as formas jurídico-políticas subsumidas à base econômica. As transformações (ou rupturas e continuidades) no curso do capitalismo provocam metamorfoses nas estruturas internas de produção e reprodução do capital, mas também impulsionam redimensionamentos nas formas jurídico-políticas. Como desdobramento desse primeiro movimento, as formas superestruturais antigas se chocam com a realidade objetiva e se põem em contradição até que ocorram rupturas com as formas vigentes e se constituam, assim, reorganizações institucionais como síntese do movimento real.

A Revolução dos Cravos revisitada, 45 anos depois

Jorge Fontes (Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa)

Resumo

A revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal, que derrubou a ditadura salazarista-marcelista de 48 anos, popularizada como a "revolução dos cravos", cumpre 45 anos. Nesta comunicação revisitaremos as diferentes fases dos dezanove meses do processo revolucionário mais radical que a Europa viveu desde o pós-guerra, que se encerra a 25 de Novembro de 1975. Especial atenção será dada ao papel da organização dos trabalhadores e controlo operário, à análise teórica das regularidades e singularidades da experiência na história das revoluções do século XX, e às suas consequências na tessitura actual da formação económico-social portuguesa.

Libertador ou ditador? Uma crítica marxiana ao pensamento político de Simón Bolívar

Larissa Dulce M. Antunes (UFMG)

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise marxiana a partir de especificamente dois escritos de Simón Bolívar: O manifesto de Cartagena(1812) e a A carta de Jamaica('1815). Esses escritos nos revelam quais eram as posições políticas do militar e seu projeto ideal de libertação para a América latina.

A contribuição de Engels para a teoria dos partidos políticos

Theófilo Machado Rodrigues (UENF)

Resumo

O presente artigo sistematiza as principais contribuições de Engels para a teoria dos partidos políticos a partir de suas intervenções nas três últimas décadas do século XIX, no momento de gênese do Partido Social Democrata Alemão, o SPD. O artigo está subdividido em cinco seções. A primeira avalia a participação de Engels na I Internacional Socialista e sua polêmica com o anarquismo. A segunda seção trata mais propriamente da relação de Engels com o processo político de criação do SPD. A terceira observa o papel de Engels após a morte de Marx na

organização da Segunda Internacional. A quarta seção sintetiza a crítica de Engels ao programa do SPD aprovado no Congresso de Erfurt, em 1891. Por fim, a quinta seção analisa as originais percepções do autor sobre o contexto histórico que permitiu o avanço e a organização do SPD e dos demais partidos socialdemocratas na Europa Ocidental. A hipótese apresentada é a de que, antes dos clássicos do início do XX, Engels já havia percebido a ascensão dos “partidos de massas” como inovação política daquele momento de virada do século.